

A ILHA

SUPLE
MENTO
LITE
RÁRIO

Florianópolis, SC – Junho/2023 – Nº 165 – Edições A ILHA – Ano 43

A NOVA
LITERATURA PORTUGUESA

ANTOLOGIA
AÇORIANO-CATARINENSE

ESCRITORES
PORTUGUESES
CONTEMPORÂNEOS

A ORIGEM
DA LITERATURA
PORTUGUESA

**JOSÉ LUÍS PEIXOTO:
VOLTA AO MUNDO**



**DULCE RODRIGUES
NA FEIRA DO LIVRO
DE LISBOA**



MEU CORAÇÃO E EU

**LUIZ CARLOS
AMORIM**

*Meu coração,
pejado de saudades,
está de malas prontas,
de mudança
para as terras
d'além mar:
Portugal, amada,
da língua líquida e fluida,
sonora e musical,
a única que tem
a palavra saudade.
Vou encontrar
meu coração lá,
mais tarde,
à beira do Tejo,
sob a luz sem igual
de Lisboa,
no esplendor do Douro
ou à beira do Sado...*

LUZBOA

LUIZ CARLOS AMORIM

*Lisboa, de tanta luz,
Luzboa, com sua luz única,
que adentra meus olhos míopes
e os enchem de beleza.
Lisboa, o Tejo que te banha,
também te ilumina, apaixonado,
e te confere essa luz sem igual.
Não espalhe,
minha querida Lisboa,
mas és minha prisioneira:
acomodei toda a tua luz boa
e toda a tua beleza
dentro dos meus olhos míopes
e do meu coração antigo
e nunca mais vou te libertar.
Nem quando eu me quedar
ao pé de ti
nem quando me aninhar
no teu regaço...*



A ILHA | SUPLEMENTO LITERÁRIO

EDITORIAL

INTEGRAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

A redação das Edições A ILHA está sediada em Lisboa, este ano. Como as revistas do Grupo Literário A ILHA já publicavam e publicam autores portugueses, contemporâneos como José Luis Peixoto e clássicos como Pessoa, decidimos tentar aumentar a integração entre escritores brasileiros e portugueses, abrindo um espaço maior para a literatura portuguesa. Esta edição de junho da revista SUPLEMENTO LITERÁRIO A ILHA, quando o Grupo e a revista completam 43 anos de trajetória, de existência e resistência divulgando a literatura brasileira e de outros países, é especial exclusivamente com escritores portugueses e de alguns outros países da lusofonia.

Aqueles que já frequentavam as nossas páginas estão, é claro, presentes, como era de se esperar, e novos escritores de regiões diferentes de Portugal chegaram para ocupar as páginas do nosso Suplemento Literário A ILHA. Autores consagrados de países como Moçambique e Angola, como é o caso de Mia Couto e Agualusa estão presentes, assim como o já citado José Luis Peixoto, português forte na literatura de seu país. E Dulce Rodrigues, outro nome forte da literatura infanto-juvenil portuguesa, de sucesso internacional. Também Nicolau dos Santos, Rita Pea, Georgina Caçador. Outros escritores que estrearão na nossa revista, consagrados: Afonso Cruz, Gonçalo M. Tavares, João Tordo, Pedro Chagas Freitas. Walter Hugo Mãe já passou por aqui. Dos novos, Adélio Amaro, Rosário Pereira, Carlos Cardoso Luís, Jorge Vicente e outros. E os clássicos da literatura portuguesa, que não podiam faltar: Camões, Saramago, Pessoa, Miguel Torga, Florbela Espanca.

Uma edição para que os leitores portugueses se sintam em casa, lendo seus escritores, novos ou não e para os brasileiros conhecerem mais autores portugueses através da nossa revista.

O Editor

EXPEDIENTE

SUPLEMENTO LITERÁRIO A ILHA – Edição 165 – Junho/2023 – Ano 43
Edições A ILHA – Contato: laescritor@gmail.com e revisaolca@gmail.com
A ILHA na Internet: Portal PROSA, POESIA & CIA.:
<http://www.prosapoesiaecia.xpg.com.br>

VOLTA AO MUNDO

O escritor português José Luís Peixoto tem viajado muito, nos últimos anos, não só pelo simples prazer de viajar e descobrir o mundo, mas para divulgar a literatura portuguesa. Transcrevemos aqui textos do próprio escritor, sobre viagens e sobre o começo da sua maratona, para que tenhamos uma ideia da sua volta ao mundo, que não chegou ao fim, ela continuará nos próximos anos.



VIAJAR É VIVER

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Com boas intenções, avisam-nos que temos de ir o mais depressa possível. Tens de ir a Cuba antes que morra o Fidel, dizem-nos. Dizem-nos também: tens de ir ao Myanmar rapidamente, antes que abra; daqui a poucos anos, será apenas mais um país no Sudeste Asiático. Não faltariam outros exemplos. São muitos os países e cidades onde se tem de ir o mais depressa possível. Estão em

evolução acelerada e, do ponto de vista do visitante, garantem-nos que essa mudança será seguramente para pior. Mas não é verdade que todos os lugares do mundo estão em constante transformação? Será que precisamos de nos apressar para ir o mais depressa possível a todos eles? Não creio que essa opção seja viável. Quem conheceu as largas avenidas de Pequim atravessadas por multidões de bicicletas teste-munhou um tempo que provavelmente não voltará a acontecer; mas também é verdade que, se não voltou à China, desconhece a atual cidade de Pequim. Os imensos engarrafamentos que a congestionam, e que são a realidade quotidiana deste tempo, haveriam de surpreender esse visitante de outras épocas. O mesmo raciocínio, com ou-





tros detalhes, seria fácil de construir em relação a outras cidades de outros continentes.

É assim o mundo e é assim o tempo: ser algo e, logo depois, ser outra coisa qualquer. Heráclito já o sabia há mais de 2500 anos. E, mesmo dando-se o caso impossível de algum espaço ter permanecido intocado, haveria sempre de contar com a nossa própria mudança. Os nossos olhos não veem como antes, a nossa pele não sente como antes, toda a nossa sensibilidade mudou e toda a nossa forma de pensar mudou. Não sei qual se transformou primeiro, não sei se uma mudou por causa da outra ou as

duas foram mudando (evoluindo?) em simultâneo.

Se isso nos der prazer, podemos ir o mais depressa possível, mas não temos de ir o mais depressa possível se isso nos trazer ansiedade. É certo que, em qualquer circunstância, o lugar que vamos visitar estará sempre num momento único da sua história. O interesse que formos capazes de lhe atribuir é relativo, subjetivo, depende em grande medida de nós próprios.

Agora, estamos aqui. Se tivermos a intenção de ir lá, Cuba, Myanmar ou qualquer outro ponto deste planeta que gira em torno do seu próprio eixo, o

ideal será que encontremos razões que não sejam apenas efémeras. Viajar é uma decisão que toca em tudo o que constitui a vida. Viajar é um sinónimo direto de viver. Talvez seja por isso que vale a pena procurar razões para lá do tempo, que façam sentido agora e no futuro, que já faziam sentido antes do instante em que, por fim, as reconhecemos. Não vale a pena ter pressa de viajar e, no entanto, também faz falta uma certa dose de urgência, exatamente como viver. Assim mesmo, paradoxal. Procurar razões que rejeitem o que é apenas efémero, mesmo sabendo que, no fim de todas as contas, apenas existem razões efémeras, apenas existe o efémero. Aquilo que muda é aquilo que passa, um caminho, uma viagem.

FOME DE VIAGENS

JOSÉ LUÍS PEIXOTO



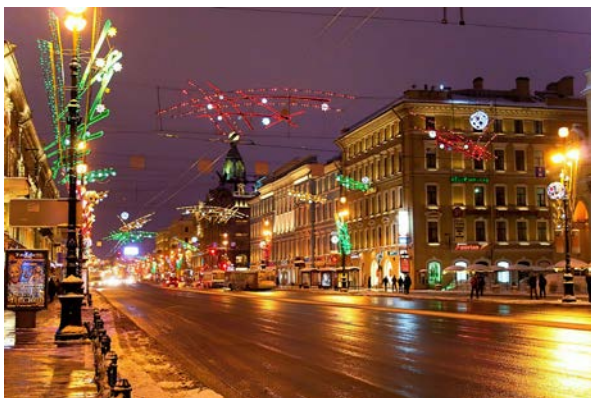
2020. Para mim, os primeiros meses da pandemia foram o choque, a tentativa de apreensão de uma realidade radicalmente nova, a necessidade de lidar com um quotidiano inédito. Depois, o verão foi encher o peito de ar, trouxe-me o desfrutar de pequenos prazeres fundamentais que, antes, existiam sem nome. Em todos esses meses senti falta das viagens, não apenas das que tinha marcado e foram canceladas, mas também das viagens com que sonho constantemente.

Neste ano de quarentenas e confinamentos, fui descobrindo formas de lidar com esta falta. Todas são imperfeitas, nenhuma delas substitui a liberdade e a experiência de estar lá, nenhuma delas oferece o mesmo infinito de possibilidades. Ainda assim, parece-me que vale a pena partilhá-las.

1. VÍDEOS NA INTERNET

Já se sabe que faltam muitos sentidos ao audiovisual. Um dos elementos de que sinto mais falta quando vejo vídeos de praias paradisíacas, por exemplo, é

a temperatura. No ecrã, fica apenas o azul-turquesa, a dimensão estética, falta o sol tórrido e alguns incómodos imprevistos que também fazem parte de estar lá. Ainda assim, seja qual for o destino, um dos piores defeitos de muitos vídeos é o cliché. Não há nada mais contrário à experiência de viagem do que o banal, a idealização estereotipada. A internet está cheia de pores do sol, cocktails e imagens de drone. Prefiro outras opções. Uma alternativa são os vídeos de alta-definição com pessoas



Avenida Niévski, em São Petersburgo



Sidi Ifni, Marrocos

a caminhar pelas ruas de diversas cidades. Apenas isso. Quando tenho saudades de Manhattan, por exemplo, entro no youtube e faço uma busca por: manhattan street walk. Escolho Soho ou uptown, escolho dia ou noite, e lá inicio o meu passeio virtual. Se tiver vontade de passar pela Times Square, vou às câmaras em tempo real e fico a saber que horas são, se está a chover, quem anda por lá. O mesmo acontece com o cruzamento de Shibuya, em Tóquio, com a Avenida Niévski, em São Petersburgo,

entre muitas outras possibilidades. Fico a olhar para pessoas que não imaginam estar a ser vistas em Portugal.

2. RÁDIOS

Também através da internet, as rádios proporcionam uma curiosa experiência de evasão. Há a facilidade de ouvir rádios de ilhas do Pacífico, de países com idiomas que desconheço, mas nem sempre é preciso ir tão longe. Enquanto cumpro as minhas tarefas domésticas, pode ser bastante exótico estar a ouvir o anúncio dos preços de um minimercado em Vi-

nhais ou de um stand de automóveis usados em Quarteira. Em concreto, aconselho a aplicação (e site) Radio Garden, que permite girar o Globo e selecionar um dos milhares de pontinhos dispersos pelos mapas, que correspondem a uma rádio desse local. Experimentem.

3. INSTAGRAM E OUTRAS REDES SOCIAIS

A urgência da dopamina não permite grandes travessias. Seguir contas ligadas a viagens nas redes sociais é sobretudo uma forma de recordar sonhos bons e, assim, ajudar-nos a sonhar um pouco mais. Mesmo que grande parte da oferta seja os tais clichés, ajudar os outros a sonhar é uma tarefa meritória, com muito valor.

4. LER E ESCREVER

Ler esta mesma re-

vista, por exemplo, mas também livros. Neste caso, devido à natureza da experiência não preciso de atualidade. Se estiver a ler sobre uma viagem no século XVIII, não me sinto menos transportado do que se estiver perante a descrição de uma viagem feita na semana passada. Creio que este meio, as palavras, tem uma ligação direta com a memória.

Quando nos falamos de um lugar específico, mesmo que nunca tenhamos estado lá, usamos as nossas referências para interpretá-lo, para fazê-lo viver em nós. Esse recurso é muito evidente na escrita. Neste tempo, escrever sobre viagens é uma forma potente de viajar, os estímulos são convocados aos sentidos e, afinal, pela força da memória, percebe-

mos que ainda estão lá, ficaram gravados. Estas são as minhas tentativas. No entanto, com frequência, tudo isto me faz pensar ainda mais nos lugares onde quero voltar assim que puder.

MARROCOS

Voltar a Meknés, a Fez, ao Atlas, a Ouarzazate, a Essaouira, como quando tinha vinte e poucos anos e, com os meus amigos, arranjávamos maneira de chegar a Algeciras, apanhar o barco, alugar um carro em Tanger e lançarmo-nos por esse país enorme. Os burros na berma da estrada, os sinais de stop em árabe, as brigadas de Polícia a fiscalizar a velocidade. Quando puder, quero atravessar centenas de quilómetros, comer tagine, beber chá de menta ao fim da tarde e regressar a Sidi Ifni, onde já fui muito feliz.



Macau é "ser levado pela multidão, entre fragmentos de cantonês e o cheiro de lulas secas espetadas num palito, folhas de carne de porco caramelizada, caixas de bolachinhas para acompanhar o chá" (Foto: José Luís Peixoto)

ÁFRICA DO SUL

Voltar a Joanesburgo pela quarta vez, aperceber-me de como esta cidade tem evoluído, de como as pessoas são cada vez mais livres depois de uma história tão sacrificada. Voltar também a Durban, recorro aquela frente marítima, chovia tanto quando lá estive, como será com sol? Voltar a encontrar os madeirenses que vivem em Durban, será que ainda se lembram de mim? Quando puder, quero sentir de novo o cheiro dessa terra, os churrascos infinitos e, por fim, hei de conhecer a Cidade do Cabo, compará-la com todas as descrições que já escutei.



MACAU

Voltar a Macau, estar no centro do Largo do Leal Senado, girar sobre o meu próprio eixo, como o planeta, e agradecer por estar novamente lá. Voltar a sentir o empedrado debaixo dos pés e seguir caminho, passar pela Igreja de São Domingos, ser levado pela multidão, entre fragmentos de canto-

nês e o cheiro de lulas secas espetadas num palito, folhas de carne de porco caramelizada, caixas de bolachinhas para acompanhar o chá. E voltar ao Mercado Vermelho, voltar ao Jardim Lou Lim Leoc, ao Jardim da Flora, subir outra vez ao Farol da Guia e ver tudo lá de cima, sabendo que tenho todo aquele mundo ali, à espera de ser redescoberto.

José Luís Peixoto nasceu em Galveias, em 1974. Em 2001 ganhou o Prémio Literário José Saramago pelo romance *Nenhum Olhar*. Em 2007, *Cemitério de Pianos* recebeu o Prémio Cálamo Otra Mirada, destinado ao melhor romance estrangeiro publicado em Espanha. Com *Livro*, venceu o prémio Libro d'Europa, atribuído em Itália ao melhor romance europeu de 2012. Em 2016, com *Galveias*, recebeu no Brasil o Prémio Oceanos para a melhor obra literária em língua portuguesa do ano anterior. Na poesia, *Gaveta de Papéis* recebeu o Prémio Daniel Faria e *A Criança em Ruínas* recebeu o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2012, publicou *Dentro do Segredo – Uma viagem na Coreia do Norte*, a sua primeira incursão na literatura de viagens. Os seus romances estão traduzidos em mais de trinta idiomas



O HABITANTE

(AO MEU PAI)

MIA COUTO

*Se partiste, não sei.
Porque estás,
tanto quanto sempre estiveste.*

*Essa tua,
tão nossa, presença
enche de sombra a casa,
como se criasse,
dentro de nós,
uma outra casa.*

*No silêncio distraído
de uma varanda
que foi o teu único castelo,
ecoam ainda os teus passos,
feitos não para caminhar,
mas para acariciar o chão.*

*Nessa varanda te sentas,
nesse tão delicado modo de*

*morrer,
como se nos estivesse
ensinando
um outro modo de viver.*

*Se o passo é tão celeste,
a viagem não conta,
senão pelo poema que nos
veste.*

*Os lugares que buscaste
não têm geografia.*

*São vozes, são fontes,
rios sem vontade de mar,
tempo que escapa da
eternidade.*

*Moras dentro,
sem deus nem adeus.*

Mia Couto é um escritor, poeta e jornalista moçambicano. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras para a cadeira n.º 5. Nasceu na cidade da Beira, em Moçambique, África, no dia 5 de julho de 1955. É um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. Recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais: Prêmio Virgílio Ferreira (1999, pelo conjunto da obra), Prêmio União Latina de Literaturas Românicas (2007), Prêmio Camões (2013).



Mia Couto e Luiz Carlos Amorim em um sarau da Rua das Pretas no Museu Arqueológico do Carmo.

A NOVA LITERATURA PORTUGUESA

GABRIELA SILVA - Doutora em Letras

A literatura portuguesa tem contribuído de forma significativa na leitura do mundo em todas as épocas, colocando-se como umas literaturas mais lidas fora de seu país. Berço de grandes nomes como Luís de Camões, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, Lídia Jorge e José Saramago entre tantos outros reconhecidos internacionalmente, a literatura produzida em Portugal é leitura e objeto de estudo em diversos lugares fora de seu âmbito de produção. Escritas marcadas pelo desejo de (re)escrita do passado, discursos históricos ficcionais e funcionais, preservadores e idealizadores da identidade são características que percorrem todas as épocas da literatura portuguesa, na afirmação de sua voz

como nação e arte. Segundo Eduardo Lourenço, “Quer para o indivíduo, quer para o grupo, quer para uma nação, a identidade num sentido óbvio, é um pressuposto para o indivíduo, o grupo, a nação, a questão de identidade é per-



Eça de Queiroz

manente e se confunde com a da sua mera experiência, a qual não é nunca puro dado, adquirido de uma vez por todas. Mas o ato de querer e poder permanecer conforme o ser ou ao projeto de ser aquilo que é.” (2015, p. 9) Essa necessidade que marca intensamente a literatura

portuguesa perpassou diversas épocas históricas e tornou-se uma característica intrínseca de seus textos, quer poéticos, quer narrativos. A questão de sua origem, das guerras e personalidades que compõem esse imaginário sempre foram recorrentes e presentes na literatura até os mais recentes dias.

Assim, desde Camões e a tentativa de compor uma ideia mítica e também eternizar a nação portuguesa através de *Os Lusíadas*, passando por Fernando Pessoa e a necessidade emergente de inovar e descobrir um novo Portugal nas suas muitas formas de escrita e a relação de amor e tristeza com o nacional e a origem, até Saramago e a crítica à construção dessa identidade através



Camões

de analogias e metáforas que analisavam e inferiam sobre a realidade política e a construção de um passado mítico e idealizado, Portugal sustentou-se imagética e literariamente sobre o que desejava ser: uma grande e mítica nação. À luz do que denominamos como contemporâneo, marcada pela necessidade de redescoberta do homem português, sua apreensão do real e posicionamento no mundo hodierno, percebemos quais são as principais características da literatura produzida em Portugal nos dias atuais. Associadas às diferentes formas

de narrar e pensar a escrita, Gonçalo M. Tavares, Nuno Camarneiro e Afonso Cruz destacam-se entre os novos escritores portugueses. As obras escolhidas estabelecem entre si aspectos e elementos de construção narrativa que compõem diferentes movimentos de criação, recepção e contribuição ao imaginário dos leitores do século XXI. E destacam-se como mantenedoras do fluxo criativo literário português, justificando por suas características a necessidade e aporte da pesquisa sobre o tema. Perceber as trans-

formações que acontecem na literatura produzida em Portugal contemporaneamente é dispor-se a entender as modificações que avançam sobre o homem português e sua cultura. As relações históricas não se esgotam, mas se modificam, alteram-se e expõem ao leitor um novo sujeito, com uma disposição anímica que vai além do espaço territorial que habita. Essa desnacionalização que acontece na literatura contemporânea portuguesa, deixando de lado um romance autenticamente centrado sobre os temas nacionais e que demarcavam uma cultura e uma literatura voltada sobre si mesma oferece ao homem português, esse novo sujeito que se abre ao mundo e se torna cosmopolita, uma nova configuração ideológica. O afastamento dessa história de um pas-

sado, quer distante, quer próximo e a expansão do horizonte dessa literatura demonstram esse sujeito que agora se dispõe a expandir-se identitariamente, percebendo também questões de alteridade e afastando-se do que as fronteiras territoriais e culturais impõem às sociedades e que de maneira singular se manifesta nas suas produções artísticas. A ditadura salazarista, o fim das guerras coloniais e o regresso de residentes das antigas colônias (os chamados retornados) foram os impulsores de muitas narrativas contemporâneas, sob diversas

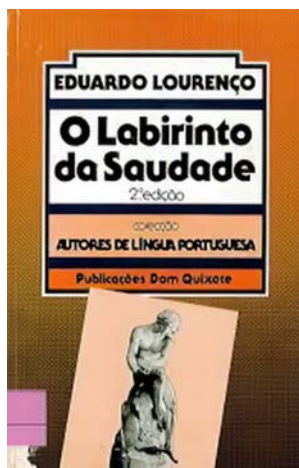
nomenclaturas de tipos de escrita, essas ficções traziam para si o encargo de colocar ao mundo e aos próprios portugueses as vozes de sua especificidade identitária. Testemunhos de uma memória que não adormece. Sempre redimensionadas, as fronteiras entre a ficção e a realidade são características predominantes da literatura portuguesa.

Imagens e fatos que compuseram o imaginário português durante muitas décadas, expandindo e desdobrando-se em obras de diferentes configurações, Eduardo Lourenço comenta, em Labi-

rinto da saudade, sobre Portugal: “o seu lugar não se situa apenas no mapa e e muito menos se circunscribe ao pequeno retângulo à beira do Atlântico, carregado de passado e vida singulares, que chamamos Portugal” (2015, p. 11). Assim, esse sujeito português passou a ocupar além dos seus limites fronteiriços e históricos, ele torna-se mais do que sua história e insere-se num contexto universal, de uma literatura sem demarcação ou delimitação, mas repleta da experiência humana de diferentes sujeitos em diferentes épocas. Então essa novíssima literatura portuguesa, se constrói sobre a perspectiva desse sujeito português que agora rompe com a tradição de temas e formas de construir personagens, tempo, espaço, enredo e narrador.



Gonçalo M. Tavares



Se o espaço literário é o âmbito da representação do mundo a que pertencemos e o qual privilegiamos em nossas percepções, o universo mimético é então sempre renovado, numa maneira quase exaustiva de compor o quadro de nossa existência. Resgatam-se aspectos históricos, discutem-se as questões literárias e de construção do texto, mas a existência e a contemplação do mundo serão sempre as linhas permanentes da literatura. Ao pensarmos o contemporâneo, o atual, a sempre retomada

história local, conjugando-a com a literatura, sua porta-voz, ou ainda mantenedora de diversas perspectivas ideológicas, perceberemos o quanto forte isso foi na literatura portuguesa, principalmente se direcionarmos nosso olhar para Portugal a partir da década de 60 do século XX e as tendências do romance a começar desse momento histórico. Veremos a recorrente presença da liberdade política como objetivo, as demandas das classes sociais mais baixas, a configuração do estado e das estruturas políticas e também sociais e a

relação do país com suas ex-colônias, como uma nova configuração ideológica e que também precisava renovar-se no imaginário português.

Como coloca Homi K. Bhabha em *O local da cultura*, o contemporâneo, o novo, representam uma ruptura com um determinado modo de pensar e trazem consigo diversas novas perspectivas. Essa “cisão” como ele denomina a ruptura, é um rompimento com a norma cotidiana, com o costume, com o de fato está arraigado e sustentando uma forma de pensar: O novo



Eduardo Lourenço



e o contemporâneo aparecem através do ato de cisão da modernidade como acontecimento e enunciação, época e cotidiano. A modernidade como signo do presente emerge nesse processo de cisão, nesse lapso, que dá à prática da vida cotidiana sua consistência como contemporânea. É porque o presente tem o valor de um “signo” que a modernidade é interativa, um questionamento contínuo das condições da existência, tornando problemático seu próprio discurso não apenas “como ideias”,

mas como posição e status do locus do enunciado social. (BHABHA, 1998, p. 335)

A essa perspectiva social e urgente que se lança sobre a narrativa portuguesa, somam-se os experimentalismos ficcionais. Os recentes processos narrativos do português incluem não somente perspectivas do texto literário e da própria mimese como representação desse modo organizacional da sociedade portuguesa e mundial, mas uma forma diferente de ver o texto como o conjunto de fragmentos que se tornou o homem contemporâ-

neo independente de sua nacionalidade. Ou seja, ela não deixa de ser resultado da reflexão do sujeito sobre sua permanência no mundo, mas essa literatura assume uma postura de percepção do que vai além da sua própria história. Para o mundo e do mundo, a novíssima literatura portuguesa abrange novas formas narrativas e também um novo discurso de identidade já enunciado e consolidado na história da literatura portuguesa e ocidental. A literatura tem a potencialidade de ser memória cultural, de funcionar como o rastro



Bhabha



Tveztan Todorov

que permite a identificação de formas de pensar e de viver dos homens de diferentes épocas, assim como sua reflexão sobre o mundo. Ela é experiência e permanência por relatar ou ainda, promover a leitura de determinados pontos de vista sobre a história, sobre o homem e sua relação com seu tempo, identidade e cultura. Em *A literatura em perigo*, Tveztan Todorov comenta dessas potencialidades da literatura, do que de fato ela pode realizar como instrumento da imaginação dos escritores e da recepção por parte dos leitores, assim pensar a lite-

ratura portuguesa ou determinada literatura é antes de tudo, pensar o que ela pode como espaço de manifestação de um imaginário, de uma cultura e de uma forma de pensar e ver o mundo: A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja antes de tudo uma técnica de cuidados com a alma porém revelação com o mundo, ela pode também, em

seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76)

O passado, seja ele qual for, é material da escrita, mesmo que uma narrativa procure falar de possibilidade de futuro, sempre o passado, de uma determinada forma, surge na ficção como uma parte da elaboração do que se deseja projetar acerca do futuro. Passado e futuro são elementos indissociáveis na construção do que denominamos como presente e principalmente se pensarmos na construção de narrativas. Antonio Cândido em *Literatura e sociedade* comenta do papel do escritor, da função social que é atribuída a ele e como a coletividade reconhece no escritor a figura de um dinamizador da cultura, da história. Em harmonia com o seu tempo,

o escritor é um núcleo gerativo de uma possibilidade de visão social e cultural, também histórica e identitária. Umberto Eco em Confissões de um jovem romancista comenta que a “narrativa é, para início de conversa, uma questão cosmológica”, isso por que o autor para narrar assume a função de um demiurgo, de criador de um universo que deve ser o mais fiel possível ao mundo real e por onde esse autor possa andar em segurança. Pensando a partir do que nos diz Eco, escrever sobre algo que não está

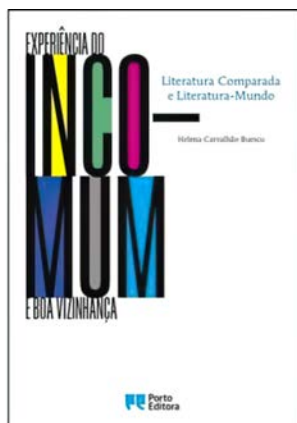
associado ao nosso contexto histórico ou ainda ao nosso cotidiano, entendido ou experienciado como patrimônio de nossa memória é também ser um demiurgo de um mundo externo ao nosso, num rompimento de fronteiras que nos exige a capacidade de entender e assimilar o que é diferente e como esse diferente se compõe.

A escrita representa o desequilíbrio, uma determinada vontade de reajuste ou ainda uma necessidade de compreensão do mundo a que pertencemos. Uma obra literária é des-

se modo, resultado da relação do sujeito (escritor) com a realidade em que ele se insere e vive. Dentro desse contexto, podemos pensar a literatura como uma comunidade temática e afetiva, bem como uma comunidade de experiências formais, artísticas e de pensamento. Pensar o mundo através de uma perspectiva de um português, vai além de pensar de uma maneira autóctone, mas um modo de leitura e apreensão das coisas e dos eventos. Essa determinada forma de percepção transforma-se em conexão com o mundo quando os temas e as narrativas desalojam-se do eixo territorial e histórico português. Saem de Portugal, expandem-se, ganham o mundo, ainda que escritos por portugueses e que muitas vezes personagens portuguesas com-



Antônio Cândido



ponham as ações contadas. Já não é apenas a construção de uma identidade, de um sujeito num conjunto de situações específicas e que configuram demarcações identitárias e territoriais. É o que podemos definir como “literatura-mundo” a que se difunde, que deixa de ser uma experiência localizada, estanque, mas múltiplas, variantes, do mundo. Helena Carvalhão Buescu em *Experiência do Incomum e boa vizinhança - Literatura comparada e Literatura-mundo* define o que hoje nos permite perceber e entender o que essa

literatura abrange: “A literatura mundo, ao pressupor uma ideia de presente que acolhe diferenciados momentos históricos, localizações geográficas e pertencas histórico-simbólicas, reforça por um lado o seu caráter intempestivo e, por outro, investe-o de uma capacidade política e simbólica que qualquer atualidade não pode ignorar.”

Essa literatura-mundo é o que aqui nos interessa, ao descentralizarmos do âmbito português as obras literárias, em principal as produzidas por autores portugueses, ao escolhermos definir e entender essa pro-

dução contemporânea nos aliamos à definição de literatura-mundo que se aplica ao compartilhamento de experiências, de percepções de mundo, de existência, de situações históricas e sentimentais: “A literatura-mundo pode ser assim compreendida como uma experiência simultânea do comum e do incomum: arquivo de semelhanças potenciais, mas também de diferenças e infinitas variações.” (BUESCU, 2013).

Para além de uma especificidade, de um território, é a leitura de um texto e a relação entre o que a literatura demanda



Afonso Cruz

como experiência e a origem de sua produção. A literatura então, além de comunicar ou exprimir, como afirma Roland Barthes em *O grau zero da escrita*, também expõe ao mundo uma determinada forma de um indivíduo perceber o seu tempo e a história a que pertence.

Assim, Gonçalo M. Tavares, Nuno Camarneiro e Afonso Cruz colocam-se como os autores portugueses contemporâneos reconhecidos como representantes de uma nova vertente literária, discursiva e de articulação sujei-

to-mundo. As narrativas desses autores singulares da literatura portuguesa do século XXI apresentam-se como a possibilidade da renovação do sentido do sujeito, não apenas o português, mas também ele no tempo e espaços contemporâneos. A experimentação narrativa, a organização dos elementos intrínsecos ao texto literário, as diferentes formas de pensar e reagir ao mundo e as tentativas de revisão histórica são elementos constantes na literatura portuguesa. Essa identidade portuguesa não

aparece nessas narrativas como presença notória, mas o homem português como homem-mundo. “Pessoalmente, não quero investigar o homem-português, quero sim, perceber o homem, no geral e seus comportamentos”, disse Gonçalo M. Tavares em entrevista à *Editorial Caminho*. Do mesmo modo Nuno Camarneiro e Afonso Cruz escrevem sobre o comportamento dos homens, sendo eles portugueses ou não. Num sempre movimento de rescrita do eu, das visões sobre o mundo. A busca dessa identidade é ficcionalizada e contextualizada em um universo ficcional que tenta sair do mapeamento português³.

As experiências narrativas, o estranhamento, a escrita que inova em seu conteúdo e técnicas singulares são os elementos que con-



Nuno Camarneiro

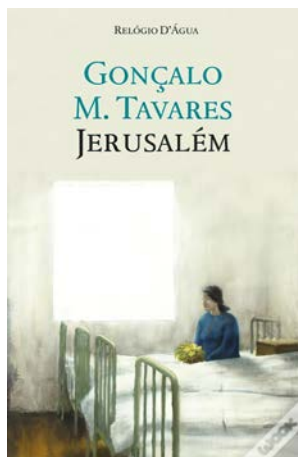


firmam esses autores na contemporaneidade e justificam seu reconhecimento pela crítica através dos prêmios recebidos pelas suas obras. Essas características que diferenciam as obras em seus aspectos constitutivos e também na direção de suas temáticas as colocam no mesmo foco de discussão e pesquisa: a novíssima literatura portuguesa. É, portanto, um olhar comparatista e por seu turno, analítico que aqui fazemos. No espaço ficcional, personagens, narradores, espaço e tempo As relações de construção literária

e percurso histórico estão intimamente ligadas. As obras são resultado de seu tempo, do universo de ideias que as cercam. O texto literário é composto de imagens e conceitos que pertencem ao mundo real que abrange a realidade de sua produção. É preciso antes de qualquer tipo de análise ou percepção acerca de um texto literário, entender como ele se constrói como texto literário. Segundo Antoine Compagnon em *O Demônio da Teoria*, os estudos literários falam da literatura das mais diferentes maneiras, concordam, entretanto, num ponto: de todo estudo literário, qualquer seja o seu objetivo, a primeira questão a ser colocada embora pouco teórica, é a da definição que ele fornece (ou não) de seu objeto: o texto literário. O que torna esse texto literário? Ou como

ele define as qualidades literárias do texto literário? (2001, p. 29)

Gonçalo M Tavares (1970), tem uma vasta produção literária, é ganhador de inúmeros prêmios: Prêmio revelação da Associação Portuguesa de Escritores, Grande Prêmio de conto Camilo Castelo Branco, Prêmio Ler/Millennium BCP e Prêmio José Saramago. Diversificada em gêneros textuais e temas sua obra é referência na produção portuguesa contemporânea. E traduzido em todo o mundo. Entre as suas obras mais conhecidas es-





tá Jerusalém (Edição de 2010, Leya/Caminho), romance que compõe a tetralogia ou os Livros negros como são chamados, devido a temática que os constituem: a dor, a solidão, a guerra, o holocausto. Jerusalém é a história de um grupo de personagens que coabitam uma mesma cidade, sem nome, mas que carrega em si a história do holocausto, as marcas da guerra em corpos e mentes. As personagens trazem em si a loucura como elo que os une em torno da dor. As personagens que

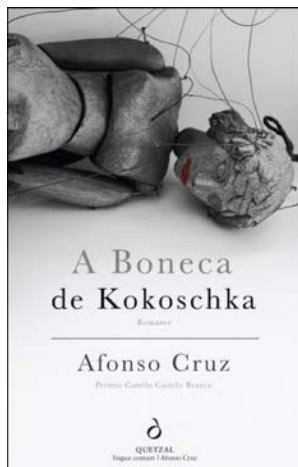
compõem a narrativa são indivíduos marcados por algum distúrbio psíquico, traumas e perturbações causados por memórias numa constante catarse do coletivo, da dor sentida por outros que antes deles ou até ao mesmo tempo experienciaram a mesma dor: Mylia, Ernest, Theodor Busbeck, e Kaas, Hanna e Hinnerk. O cruzamento das histórias particulares, o entrelaçamento de seus motivos, das razões de cada movimento das personagens, vão se delineando, se constituindo ao longo da escrita de Gonçalo M. Tavares. A circularidade da existência e do destino de cada uma dessas figuras, partindo da imaginação de seu autor, desdobra-se em reflexão e memória. Uma escritura da experiência, da dor, do questionamento sobre o devir histó-

co e da própria relação do sujeito com as suas histórias singulares. A narrativa de Afonso Cruz é um percurso ficcional que embriona-se na arte, em diversas artes: a arte de tratar a matéria dando-lhe vida, cor, aspecto e sentimento; a arte de contar histórias, de escrevê-las, engendrâ-las em cada palavra escrita ou falada; a arte de produzir a música e provocar no espírito humano as mais diferentes emoções; a arte de morrer e de permanecer e sobretudo a arte de permanecer e constituir-se até mesmo nos tempos de guerra e cinzas.

No meu peito já não cabem pássaros é o livro de estreia de Nuno Camarneiro (1977). Construído de forma fragmentada e alternada em sua organização capítular, o romance é o encontro de três histórias de perso-

nagens diferentes orientadas por apenas um fato: a passagem do cometa Halley8, pelos céus, no ano de 19109. Anunciado como o fim do mundo, o trânsito do cometa no espaço, visível da Terra, causou imensa confusão entre as pessoas de diversas partes do mundo: crucificações, suicídios, enlouquecimento ou ainda a resignação e o silêncio melancólico que marcava a espera do fim. Publicado pela primeira vez em 2011, a narrativa construída por Nuno Camarneiro se divide em cinco partes: “Exórdio”, “Confronto”, “Acerto”, “Assombro” e “Fecho”. Os capítulos que compõem cada parte vão delinear justamente sobre o sentido de cada nome das partes. Através das cinco partes as personagens vão aos poucos se revelando e revelando suas

narrativas particulares. Começamos por Karl10, um estrangeiro que sobrevive ou tenta fazê-lo na grande Nova Iorque. É lavador de janelas nos grandes prédios da cidade moderna e engolidora das vidas mais simples:” Dois homens pendurados



por arneses a oitenta metros de altura. Os que trabalham dentro chamam-lhes pardais com uma ironia desnecessária. Quarenta e oito horas semanais de equilíbrio pagas a quatro dólares, um bom emprego para quem acaba de chegar a

cidade.” (CAMARNEIRO, 2011, p. 13). Imigrante, sozinho e desconhecendo os mecanismos da sociedade em que agora estava tentando se inserir Karl estava a mercê não apenas da altura dos andaimes e da distância entre eles e o chão, mas também das pessoas e suas lógicas pessoais e íntimas de sobrevivência.

Ao pensarmos essas obras como representantes da novíssima literatura portuguesa, não as aproximamos pela faixa etária de seus autores, colocando-os sob a denominação de uma geração X. Ela se explica como novíssima por localizar-se de uma maneira diferente quando pensamos em literatura portuguesa. Ao pensarmos seus contextos de produção: um mundo que revê seus conceitos de fronteira, de cultu-

ra, de identidade e num constante processo de determinadas nações como um reposicionamento pós-guerra, pós-colonialismo, conseguimos identificar o que se coloca sob a égide de uma nova literatura portuguesa.

Ao repensar o holocausto, a brutalidade, a violência, a dor, a doenças psíquicas, colocando em suas personagens a materialidade da história, a memória de um tempo recente, conjugado com a loucura e a necessidade do sempre buscar o outro como forma de montagem de um quebra-cabeças de si mesmo, Gonçalo M Tavares torna-se um dos grandes nomes dessa literatura-mundo que se dispõe a nossa leitura. As personagens que o autor constrói em Jerusalém não possuem um território-nação, mas estão num entre-lugar no mundo,

ocupado pela loucura, pela demência e pela amargura de um passado marcado pela destruição e pela dor. A violência exercida na guerra, a mutilação de corpos, ideais e futuros é o que demarca as características da narrativa. A condi-



ção humana, a trama de suas relações, as estruturas sociais e o modo como o ente se relaciona como o mundo são os fios que compõem a urdidura imbrincada de suas histórias. Suas personagens são atormentadas pela própria existência e pela dicotomia

de vida e morte, mimese do mundo real. Num espaço não determinado, mas ambientado principalmente como um sistema de ruas, um hospício, uma igreja, esses destinos marcados se cruzam, entremeiam-se, conjugam-se na igualdade da loucura, ainda que cada uma corresponda a um tipo de manifestação. Esquizofrenia, obsessão, depressão, deficiências mentais e físicas, aliam-se ao desejo que somente a alteridade oferece como resposta: o conhecimento e aproximação do outro.

Afonso Cruz, em *A boneca de Kokoschka*, também retoma o trauma da guerra, a dor, a solidão, o medo da morte. A perseguição dos judeus na Segunda Grande Guerra e todos os desdobramentos que a infelicidade da guerra causou na vida de

muitas pessoas. Em sua narrativa alternam-se temas como a solidão e o abandono, mas também a importância da arte, da música e da solidariedade. Suas personagens constroem um universo mimético em que a circularidade labiríntica os aproxima e afirma que todas as causas e efeitos estão ligadas diretamente a um único motivo. A necessidade de compreender o outro, de compreender sua origem, de conhecer a si mesmo e a própria memória percorrem a narrativa de Afonso Cruz. Uma história desencadeada a partir da criação de uma boneca para suprir a existência de uma mulher. Laços afetivos, desencontros, esperanças, amizades e, relações amorosas e paixões surgiram do momento em que o amante cansado da boneca joga-a no lixo. Do

mundo e no mundo a boneca comunica e liga diversas personagens.

Essas relações entre as personagens se dão através de um “atavismo histórico”, como se a boneca os tornasse indissociáveis. Orhan Pamuk, em *O romancista in-*



Pamuk

gênuo e o sentimental, comenta-nos sobre a personagem e sua relação com o mundo: Visto pelos olhos de suas personagens, o mundo do romance nos parece mais próximo e mais compreensível. É essa proximidade que empresta a arte do romance

seu poder irresistível. No entanto, o foco primário não é a personalidade e a moralidade das personagens principais, mas a natureza de seu mundo. A vida dos protagonistas, seu lugar no mundo, a maneira como se sentem, veem e lidam com o seu mundo – esse é o tema do romance literário. (PAMUK, 2011, p. 47) O grande tema do romance de Afonso é a memória, a construção da memória e das relações que dela emergem. O poder da literatura como escrita da memória e da identidade. Sobretudo, a partir dessa memória também a possibilidade da esperança. Novas construções de sujeitos a partir da alteridade, do compreender-se no mundo como parte de uma potente e interligada rede de relações de memória, passados e que se desenvolverão em

futuros possíveis. A questão labiríntica e que nos coloca sempre próximo do outro também aparece em Nuno Camarneiro no romance *No meu peito já não cabem pássaros*. A história de três personagens com localizações completamente diferentes, Lisboa, Buenos Aires e Nova Iorque, com idades diferentes e nacionalidades diferentes, mas que passam pelo mesmo evento: a passagem do cometa Halley pe-

los céus no ano de 1910. Cada trauma vivido, cada necessidade, configura-se como elemento que constrói a memória e o futuro dessas personagens: o desejo de uma vida melhor, a possibilidade de um universo ficcional que transponha o sonho e a identidade além da materialidade do indivíduo. Num escolha narrativa de intertextualidade, Nuno Camarneiro re-toma personagens ficcionais como o Karl de Kafka em

América, Jorge Luís Borges e Fernando Pessoa. Apoiada no imaginário literário e extraliterário, sua obra trabalha sobretudo com as questões da existência humana, de uma personagem a outra, ele nos mostra os infortúnios do homem em relação à fatalidade. Beatriz Sarlo, em *Tempo Passado, Cultura da memória e guinada subjetiva*, comenta que o passado é sempre conflituoso (2007, p.9). Por que pensar o passado é permitir acreditar na memória, e que essa tem que acreditar na reconstituição do que aconteceu. Assim, nas narrativas desses três autores, o que se manifesta em suas ficções é justamente uma modalidade de perceber e reconstruir o passado. Entender o que os homens herdaram da guerra (Jerusalém); partilhar o que homens sentiram du-



rante a guerra e em diferentes condições (A boneca de Kokoschka) e ainda entender como um sujeito histórico pode ser também um sujeito ficcional, e que dentro dessa narrativa ele se iguala aos homens do seu tempo, ainda que ele também tenha a função de criador de possíveis ficções (No meu peito já não cabem pássaros). Construções diferentes em seus aspectos constitutivos, essas obras compõem uma nova perspectiva da literatura portuguesa. Vão além do sujeito português, expandem-se para fora das fronteiras culturais e identitárias da cultura portuguesa. Configuram-se como uma nova visão do sujeito português, não através da representação de personagens que tragam em sua constituição traços típicos de identidade, mas pela forma como tra-

tam a memória cultural pertencente ao mundo todo. Como expandem e também tomam para si uma nova percepção de sujeito e memória. Esses autores rompem com a questão de narrar apenas dentro da identidade cultural a que estão



associados, ao mesmo tempo alicerçam uma nova concepção do seu papel de inventor/criador de universos ficcionais. O espaço ficcional é, por sua natureza, o espaço das possibilidades. Além das fronteiras ficcionais, rompem com formas de narrar, com cons-

truções de personagens, com a história do mundo e dos homens. Formam um novo cânone marcado pela diversidade, elemento intrínseco do novo modo de pensar o sujeito contemporâneo. Assim, determinado como contemporâneo¹⁴, como novíssimo, esse recente modo de perceber o sujeito, que é engendrado dentro da cultura, aqui nomeadamente, a literatura, portuguesa, é de fato uma nova forma de ver o homem português. Um habitante do entre-lugar que a história oferece, um observador do mundo que o compõe e sobretudo um artista que reflete nas suas tintas o que prescinde da natureza humana em diversos tempos históricos e num movimento externo e progressivo de saída do seu território identitário de nação e de referência cultural.



OS CAVALOS E OS NENÚFARES

NICOLAU SANTOS
- LISBOA

*Os cavalos são
a energia
o nervo
o sangue fervendo
nos cascos impacientes.*

*Os nenúfares são
a placidez
a tranquilidade
a seiva girando
nas raízes imóveis.*

*Morrem os cavalos
nos pântanos.*

*Os nenúfares, esses,
continuam a flutuar.*

A SUPERFÍCIE DO LAGO

NICOLAU SANTOS

*A superfície do lago
está calma e tranquila.*

*Os insectos brincam nas
margens
e o sol descreve placidamente
a sua trajectória normal.*

*Já o disse:
A superfície do lago
está calma e tranquila.*

*Quem a contempla
não imagina
a força poderosa das correntes
que por baixo
se agitam.*



Nicolau dos Santos nasceu com os pés no mar em São Paulo de Loanda. Jornalista especializado, foi diretor-adjunto do semanário *Expresso* e coapresentador do *Expresso da Meia-Noite*, transmitido na SIC Notícias. Publicou livros como *Portugal Vale a Pena*, *Aroma de Pitangas* e *Discurso do Vendedor de Especiarias*. Foi até março de 2021, presidente do Conselho de Administração da Agência Lusa para o mandato 2018-2020. A partir de março de 2021 é eleito presidente do Conselho de Administração da RTP.

ORIGEM DA LITERATURA PORTUGUESA



Com origem no século XII, a Literatura Portuguesa, assim como a Literatura Brasileira, foi dividida em escolas literárias

Com mais de nove séculos de tradição, a Literatura Portuguesa conta com ilustres representantes, entre eles Luís de Camões e Fernando Pessoa. Denomina-se como Literatura Portuguesa toda produção literária escrita em língua portuguesa por escritores portugueses. Por Literatura Lusófona, compreende-se toda produção em língua portuguesa de diferentes países de cultura lusófona, entre eles o Brasil. Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa estabelecem uma enorme relação dialó-

gica, visto que as primeiras manifestações de nossa literatura ocorreram durante o período colonial. Para compreender a Literatura Brasileira, sua história e origens, é imprescindível co-

nhecer as origens da Literatura Portuguesa, que influenciou e ainda influencia nossa produção literária. Com origens no século XII, a Literatura Portuguesa teve seus primeiros registros em galego-português, haja vista a integração cultural e linguística entre Portugal e Galícia, região na península Ibérica que hoje pertence ao território espanhol. Por questões didáticas, assim como na Literatura Brasileira, a Literatura Portuguesa foi dividida em escolas literárias, cujos



Da integração cultural e linguística entre Portugal e Galícia (hoje território espanhol), surgiram os primeiros registros da literatura portuguesa



A obra épica Os Lusíadas, de Luís de Camões, é considerada a principal expressão do Renascimento português

autores relacionam-se por aproximação estilística e ideológica:

ERA MEDIEVAL

Trovadorismo: Primeiro movimento literário da língua portuguesa, o Trovadorismo surgiu em um período no qual a escrita era pouco difundida, por esse motivo, os poetas transmitiam suas poesias oralmente, na maioria das vezes cantando-as. Assim sendo, os primeiros textos receberam o nome de

cantigas, tradicionalmente divididas em cantigas de amor, de amigo, escárnio e maldizer, representadas por nomes como Dom Duarte, Dom Dinis, Paio Soares de Taveirós, João Garcia de Guilhade, Aires Nunes, entre outros.

Humanismo: Marcado pela transição do mundo medieval para o mundo moderno, o Humanismo conduziu as artes ao Renascimento cultural. Na literatura, deu-se a consolidação da prosa historiográfica, do

teatro e da poesia palaciana. Seus principais representantes foram Gil Vicente e Fernão Lopes.

ERA CLÁSSICA

Renascimento: Inspirado na cultura clássica greco-latina, o Renascimento foi marcado pela introdução de novos gêneros literários, entre eles os romances de cavalaria e a literatura de viagens. Luís de Camões, Sá de Miranda e Fernão Mendes Pinto estão entre seus principais representantes.

Barroco: Surgido em um período de lutas de classes sociais e de crises religiosas, o Barroco português foi marcado por uma linguagem que refletia os estados de tensão da alma humana, permeada pelo rebuscamento e por figuras de linguagem de difícil compreensão. Seus principais representantes foram o Padre Antônio Vieira, Frei Luís de Souza e



Ao lado de Antero de Quental e Cesário Verde, Eça de Queirós foi um dos principais representantes do Realismo português

Antônio José da Silva.

Neoclassicismo: Caracterizado pela revalorização dos valores artísticos gregos e romanos, o Neoclassicismo foi marcado também pela doutrinação estética e pela intensa criação literária. À Arcádia Lusitana, academia literária de Portugal fundada em 1756, coube a tarefa de restabelecer o equilíbrio na literatura, afastando-a dos exageros próprios do Barroco. Seus principais nomes foram Manuel Maria Barbosa du Bocage, Curvo Semedo e José Agostinho de Macedo.

ERA ROMÂNTICA

Romantismo: Marcado pelo subjetivismo, nostalgia, melancolia e combinação de vários gêneros literários, o Romantismo português marcou o fim do Neoclassicismo, instaurando um novo modo de expressão em Portugal e em toda a Europa. Seus principais representantes foram Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis.

Realismo e Naturalismo: Surgidos como reação ao subjetivismo e idealismo presentes na estética romântica, o Realismo e o Naturalismo português tiveram como principais representantes os escritores Antero de Quental, Cesário Verde e Eça de Queirós.

Simbolismo: Opondo-se à estética realista, o movimento simbolista português iniciou-se com o livro *Oaristos*, de Eugênio

de Castro. Marcado pela idealização da infância e do campo em contraposição à decadência do espaço urbano, o Simbolismo foi representado também por Antônio Nobre e Camilo Pessanha.

Modernismo: O marco do Modernismo português foi a publicação, em 1915, da revista *Orpheu*, responsável por veicular uma produção literária inovadora e irreverente influenciada pelas concepções estéticas que circulavam à época em toda a Europa. Seus principais representantes foram Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa.



Ao lado de Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa representou o Modernismo Português

FEIRA DO LIVRO DE LISBOA



Começou em Lisboa um dos eventos literários mais importantes da Europa: a *Feira do Livro de Lisboa*, situada no Parque Eduardo VII. Após três anos forçada a realizar-se fora do seu calendário habitual, a Feira regressa ao parque entre os dias 25 de maio e 11 de junho. Esta edição conta 139 participantes, distribuídos por 340 pavilhões e um renovado Espaço dos Pequenos Editores. A presen-



ça de vários autores internacionais, incluindo brasileiros, e a realização de mais de 2000 eventos, tornam o Parque Eduardo VII o centro cultural de Lisboa.

O GRUPO LITERÁRIO A ILHA NA FEIRA: O Grupo Literário A ILHA está presente na Feira do Livro de Lisboa com a participação de um de seus membros mais importantes, a escritora portuguesa Dulce Rodrigues e seu fundador e coordenador Luiz Carlos Amorim. Ela esteve autografando vários de seus livros no primeiro dia da feira.

Dulce Rodrigues escreveu mais de três dezenas de livros infanto-juvenis. Autora premiada nos Estados Unidos e em concursos literários na Europa, Dulce Rodrigues fala seis línguas vivas e traduz muitos dos seus próprios livros.

O presidente do Grupo Literário A ILHA, Luiz Carlos Amorim também autografou seus livros Diário da Pandemia e Portugal, Minha Saudade no stand do Brasil. Amorim continua, em Lisboa, neste ano de 2023, o trabalho literário desenvolvido no Brasil, publicando as revistas Escritores do Brasil e Suplemento Literário A ILHA e divulgando a literatura brasileira na Europa e a literatura portuguesa no Brasil.



Luiz Carlos Amorim autografando na Feira do Livro de Lisboa.

ESCRITORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS



Portugal sempre teve autores que ficarão para sempre na história da literatura internacional, como Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, José Saramago e muitos outros. Um país repleto de talento, como os quatro grandes escritores portugueses contemporâneos sobre os quais vais querer descobrir as suas obras mais relevantes.

Selecionamos quatro nomes de escritores portugueses contemporâneos que consi-

deramos serem uma referência nacional no panorama literário atual. Uma escolha difícil que teve em consideração muitos outros nomes, repletos de talento, que acabaram por não ser contemplados neste top.

1. AFONSO CRUZ

Afonso Cruz é um dos escritores portugueses contemporâneos que mais merece ser destacado, devido à sua vasta obra publicada e ao reconhecimento que recebe, constantemente, tanto a

nível nacional como internacional. É um autor de romances multipremiado por obras como “Jesus Cristo Bebia Cerveja” (Prémio Time Out — Melhor Livro do Ano, 2012), “Para onde vão os guarda-chuvas” (Prémio Sociedade Portuguesa de Autores, 2013) e “Flores” (Prémio Fernando Namora, 2015).

Para além de escritor, Afonso Cruz é ilustrador, cineasta e músico da banda The Soaked Lamb. Natural da Figuei-



ra da Foz, completou os seus estudos em estabelecimentos de ensino bastante conhecidos do país: Escola António Arroio, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e o Instituto Superior de Artes Plásticas de Madeira.

Como obras a destacar para agradáveis e inspiradoras tardes de leitura, temos: “A Boneca de Kokoschk, “Sinopse de Amor e Guerra” e “O Vício dos Livros”.

EXISTIR É MELHOR DO QUE NÃO EXISTIR

AFONSO CRUZ



A viagem pertence ao domínio do invisível, do inimaginável. É um espaço que está para lá da nossa visão no momento, o que ainda não vimos, mas desejamos ver. Quando começamos a caminhar tornamos o visível e o inimaginável tangível. Tal como quando temos uma ideia e a executamos. Um passo fora de casa e começamos a desenhar o mapa do mundo. O passado é como uma resposta, fixo, mas o futuro porta-se como uma pergunta e encerra inúmeras possibilidades. Devemos estar cientes da tro-

ca que fazemos a todo o instante: converter perguntas em respostas, possibilidades em certezas, futuro no passado. O futuro, pela sua indefinição, tem uma riqueza enorme, o passado é um caminho único, limitado à interpretação. Há um empobrecimento intrínseco ao tempo, na medida em que converte a riqueza de inúmeros caminhos em apenas um só. Mas não nos importamos, uma vez que normalmente sacrificamos tudo por uma resposta, pela existência. Nesse sentido, parece-nos que o acto é superior à potência, mesmo que esta contenha todas as possibilidades e que ao escolher, nos seja obliterada a liberdade. Assim, Anselmo de Cantuária teria razão ao afirmar, como parte do seu famoso argumento ontológico, que existir é melhor do que não

existir. Quando vemos um bloco de pedra que pode vir a ser a escultura de um cavalo ou de um homem ou de uma flor, queremos que venha a ser a escultura de um cavalo ou de um homem ou de uma flor, não queremos que se mantenha um bloco de pedra: renunciámos à possibilidade pela consumação, pela limitação, por um único caminho. O sacrifício da liberdade, do mundo das possibilidades, à carne da matéria, ao acto, é o que mais desejamos: tornar a viagem «real», retirar-lhe tudo o que poderia ter sido e transformá-la no que efectivamente foi.

2. GONÇALO M. TAVARES

Autor nascido em Luanda, no ano de 1970, tendo se estabelecido em Aveiro no seguimento da Guerra Colonial em Angola. Este é um



dos escritores portugueses contemporâneos que vale a pena descobrir o seu trabalho, hoje em dia traduzido em mais de 50 países.

Gonçalo M. Tavares estreou-se como escritor de obras literárias em 2001, com o seu primeiro livro intitulado de “Livro da Dança”, tendo a par-

tir daí se afirmado como um dos grandes nomes do romance em Portugal. Os seus livros já receberam vários prémios em território nacional e no estrangeiro, com especial destaque para “Uma Viagem à Índia”, “Jerusalém” e “O Senhor Valéry”.

Explora o trabalho de um dos escritores portugueses contemporâneos mais especiais da literatura nacional, com estas três sugestões de leitura para o verão: “Diário da Peste – O Ano de 2020”, “Dicionário de Artistas” e a sua mais recente obra “Aprender a Rezar na Era da Téc-



nicá”.

MUDA DE VIDA OU MUDA DE POEMA

GONÇALO M. TAVARES

Um poema não é uma coisa que se coloca sobre o teu dia como um condimento sobre o teu almoço. A vida de uma pessoa não tem material semelhante a nada que conheças. Existir é feito de peças impossíveis de copiar. E a poesia não entra nesse material único - a vida de uma pessoa - como o avião no ar ou o acidente do avião na terra dura. Um poema não é manso nem meigo, não é mau nem ilegal. Os homens não se medem pelos poemas que leram, mas talvez fosse melhor. O que é a fita métrica comparada com algo intenso? Há poemas que explicam trinta graus de uma vida e poemas que são um ofício de demolição completa: o edifício

é trocado por outro, como se um edifício fosse uma camisa. Muda de vida ou, claro, muda de poema.

3. JOÃO TORDO



Se procuras escritores portugueses contemporâneos que se reparem entre o romance, o policial e o ensaio, este é um autor para ti. João Tordo nasceu em Lisboa, em 1975, e conta já com dezessete livros publicados. Recebeu vários prémios, com especial destaque para o Prémio Literário José Saramago em 2009, o Prémio Fernando

Namora em 2021 e o Prémio GQ. Ao longo dos anos, foi finalista de muitos outros.

A sua obra encontra-se publicada em diversos países, como França, Itália, Alemanha, Hungria, Espanha, Croácia, Sérvia, México, Argentina, Brasil, Uruguai ou Colômbia.

O LUTO DE ELIAS GRO (Excerto)

JOÃO TORDO

“Agarrei-a com os dois braços, caímos juntos no chão. O fogo, à nossa frente, crescia como um monstro que tudo consumia. A terra, a madeira, os bichos e os homens. Pus-me de joelhos e abracei-a; Cecilia enterrou o rosto no meu ombro. O calor envolvia-nos, as fagulhas entravam-nos na pele e nos olhos. Levantei o rosto para o céu e vi as nuvens que, agora, ocultavam as estrelas, as tuas nuvens, os cães que corriam na dire-



ção de uma escarpa, os rostos, a estrada, e perguntei a Cecilia, cujo corpo tremia nos meus braços, porque é que ela corria, e ela respondeu que corria porque Deus não tinha respondido às suas preces. E que preces eram essas. Eu rezei para que ele me levasse, respondeu, para que me levasse em vez do meu pai. És louca, Cecilia, disse eu, e abracei-a com mais força, cheirou-me a cabelo chamuscado. És louca, tu não podes ir, não é a vontade d’Ele, fazes falta. Faço falta a quem, perguntou ela, e começou a esmurrar, com os seus pequenos punhos, as minhas costas. Faço falta a quem, repetiu.

Fazes-me falta, disse eu. Não me mintas, disse Cecilia, e tornou a esmurrar-me as costas, como se eu mentisse, e ouvi-a fungar, e esfregou o rosto na minha barba, molhando-a, e eu repeti. Não te minto, Cecilia, não te minto. A fogueira continuava a crepitar. Cecilia continuava a esmurrar-me as costas. Eu continuava a abraçá-la, mas afrouxei um pouco o abraço, não muito, apenas o suficiente para não a sufocar, e fechei os olhos, soltando-a, devagar, sem pressa ou sofreguidão, até encontrar a medida certa do amor.”

4. PEDRO CHAGAS FREITAS

Para quem adora ler romances, certamente que já ouviu falar em Pedro Chagas Freitas, natural da cidade de Guimarães e um dos escritores portugueses contemporâneos que mais ama e é amado. Divide o seu tempo entre a carreira de jornalismo e o mundo da literatura, tendo já escrito centenas de obras e publicado quase 40 livros.

Os seus romances já contam com vendas superiores a um milhão de cópias em todo o mundo. O seu principal público de leitores localiza-se em países como Portugal, Itália, Brasil e





México.

COMECEI A AMAR-TE NO DIA EM QUE TE ABANDONEI.

PEDRO CHAGAS FREITAS

Foram as palavras dele quando, dez anos depois, a encontrou por mero acaso no café. Ela sorriu, disse-lhe “olá, amo-te” mas os lábios só disseram “olá, está tudo bem?”. Ficaram horas a conversar, até que ele, nestas coisas era sempre ele a perder a vergonha por mais vergonha que tivesse naquilo que tinha feito (como é que fui deixar-te? como fui tão imbecil ao ponto de não perceber que estava em ti tudo o que queria?), lhe disse com toda a

naturalidade do mundo que queria levá-la para a cama. Ela primeiro pensou em esbofeteá-lo e depois amá-lo a tarde toda e a noite toda, de seguida pensou em fugir dali e depois amá-lo a tarde toda e a noite toda, e finalmente resolveu não dizer nada e, lentamente, a esconder as lágrimas por dentro dos olhos, abandonou-o da mesma maneira que ele a abandonara uma década antes. Não era uma vingança nem sequer um castigo – apenas percebeu que estava tão perdida dentro do que sentia que tinha de ir para longe dali para ir para dentro de si. Pensou que provavelmente foi isso o que

lhe aconteceu naquele dia longínquo em que a deixara, sozinha e esparramada de dor, no chão, para nunca mais voltar. De tudo o que amo és tu o que mais me apaixona. Foram as palavras dela, poucos minutos depois, quando ele, teimoso, a seguiu até ao fundo da rua em hora de ponta. Estavam frente a frente, toda a gente a passar sem perceber que ali se decidia o futuro do mundo. Ele disse: “casei-me com outra para te poder amar em paz”. Ela disse: “casei-me com outro para que houvesse um ruído que te calasse em mim”. Na verdade nem um nem outro disseram nada disso porque nem um nem outro eram poetas. Mas o que as palavras de um (“amo-te como um louco”) e as palavras de outro (“amo-te como uma louca”) disseram foi isso mesmo. A rua parou, então, diante do abraço deles.



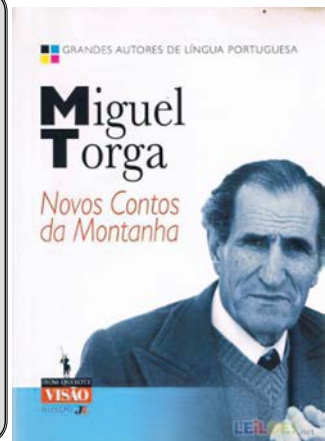
QUASE UM POEMA DE AMOR

MIGUEL TORGA

*Há muito tempo já que não escrevo um poema
De amor.
É o que eu sei fazer com mais delicadeza!
A nossa natureza
Lusitana
Tem essa humana
Graça
Feiticeira
De tornar de cristal
A mais sentimental
E baça
Bebedeira.
Mas ou seja que vou envelhecendo
E ninguém me deseje apaixonado,
Ou que a antiga paixão
Me mantenha calado
O coração
Num íntimo pudor,
— Há muito tempo já que não escrevo um poema
De amor.*

Miguel Torga (1907-1995) foi um escritor português, um dos mais importantes poetas do século XX. Destacou-se também como contista, ensaísta, romancista e dramaturgo, deixando mais de 50 obras publicadas.

Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha, nasceu em São Martinho de Anta, Vila Real, Portugal, no dia 12 de agosto de 1907. Ainda estudante de medicina, Miguel Torga iniciou sua vida literária e publicou seus primeiros livros de poemas: *Ansiedade* (1928); *Rampa* (1930); *Tributo* (1931); *Abismo* (1932). Em 1934, publicou *A Terceira Voz*, quando passou a usar o pseudônimo que o imortalizou. Ganhou muitos prêmios literários, inclusive o Prêmio Camões.



MORRE ESTUDIOSA BRASILEIRA DA LITERATURA PORTUGUESA



O Presidente da República português, Marcelo Rebelo de Sousa, manifestou pesar pela morte de Cleonice Berardinelli, no dia 31 de fevereiro de 23, aos 106 anos, sublinhando o seu "lugar destacadíssimo" entre os estudiosos brasileiros da literatura portuguesa.

"De todos os lusitanistas, que tanto contribuem para manter viva a cultura portuguesa no mundo, os brasileiros merecem menção especial, dada a nossa história antiga e a nossa língua comum. E de entre os estudiosos

brasileiros da literatura portuguesa, Cleonice Berardinelli tinha um lugar destacadíssimo", lê-se numa nota do chefe de Estado português.

Na mensagem publicada no sítio oficial da internet da Presidência da República, Marcelo Rebelo de Sousa refere que "os escritores e académicos portugueses e brasileiros, e os seus alunos dos dois lados do Atlântico, devem muito ao magistério de «Dona Cleo», como era carinhosamente tratada". "Manifesto, na sua partida, o meu

pesar e a nossa gratidão", declara o Presidente da República.

Na nota, destaca-se que Cleonice Berardinelli foi professora em universidades brasileiras, americanas e portuguesas, "dedicou-se aos estudos camonianos e a diversos trabalhos sobre Pessoa (ensaios, antologias, edições críticas)".

"Decana da Academia Brasileira de Letras, era correspondente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1975, foi membro do júri do Prémio Camões e recebeu as insígnias da Ordem do Infante D. Henrique e da Ordem de Sant'Iago da Espada", lê-se ainda na mensagem publicada pela Presidência da República.

De acordo com a imprensa brasileira, Cleonice Berardi-

nelli morreu no último dia de janeiro, aos 106 anos.

Segundo o jornal Estadão, a especialista em literatura portuguesa do Brasil doutorou-se em 1959 em Letras Clássicas e Vernáculas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e foi professora durante mais de 50 anos em instituições como a Universidade Federal do Rio

de Janeiro (UFRJ) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Cleonice Berardinelli foi também professora na Universidade Católica de Petrópolis, no Instituto Rio Branco e foi professora convidada pelas Universidades da Califórnia, campus Santa Barbara (1985), e de Lisboa (1987 e 1989).

Entre as principais

obras de Cleonice Berardinelli encontram-se "Estudos camonianos, de 1973, que foi ampliada em 2000, "Obras em prosa: Fernando Pessoa", de 1986, "A passagem das horas de Álvaro Campos", de 1988, "Poemas de Álvaro Campos", editada em Lisboa em 1990, "Fernando Pessoa: outra vez te revejo..., de 2004", e Gil Vicente: autos", de 2012.



O livro **O VALE DAS ÁGUAS**, seleção de crônicas sobre Corupá, a Cidade das Cachoeiras, com muitas fotos e cores ilustrando os textos, está à disposição, na Amazon. Veja no link <https://amz.run/4LtO>.

Se você conhece Corupá, vai gostar de relembrar e rever as belezas da cidade. Se não conhece, vai gostar de conhecer as belezas do Vale das Águas.



SEM TÍTULO
JOSÉ SARAMAGO

*Já ouço gritos ao longe
Já diz a voz do amor
A alegria do corpo
O esquecimento da dor
Já os ventos recolheram
Já o verão se nos oferece
Quantos frutos quantas fontes
Mais o sol que nos aquece
Já colho jasmims e nardos
Já tenho colares de rosas
E danço no meio da estrada
As danças prodigiosas
Já os sorrisos se dão
Já se dão as voltas todas
Ó certeza das certezas
Ó alegria das bodas.*



José de Sousa Saramago foi um dos mais importantes escritores portugueses. Tanto que foi o único escritor de língua portuguesa galardoado com o Nobel de Literatura em 1998. Também ganhou, em 1995, o Prémio Camões, o mais importante prémio literário da língua portuguesa. Saramago foi considerado o responsável pelo efetivo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa.



A LITERATURA PORTUGUESA ACTUAL

JOÃO BERNARDINO

Foi precisamente a partir do século XII, com os cancioneiros populares trovadorescos, que **Portugal**, o berço da nossa língua e cultura, nos presenteou ao longo dos tempos, com grandes artistas das letras. Todos eles donos de uma literatura rica e sem par, os escritores portugueses tornaram a literatura, entre os falantes de línguas latinas, num marco único e singular. Claro que estou a referir-me em maior dimensão a escri-

tores enormes como Camões, Eça de Queiroz, Teófilo Braga, Bocage, Almeida Garret, Alexandre Herculano, Fernando Pessoa e José Saramago que colocaram a literatura portuguesa num patamar elevado.

Mas não é só do passado que vive a Literatura Portuguesa. Embora menos produtivo e menos divulgado, o Séc. XX e início do Séc. XXI tem também os seus ícones. E se, infelizmente escritores e obras impressionantes foram sucumbidas ao regime ditatorial de Salazar, que além de afundar Portugal numa crise económica

e social gravíssima, levando a nossa cultura a um espaço demasiado regional, o certo é que mesmo assim os escritores portugueses fizeram um enorme esforço para preservar e renovar a nossa literatura.

Neste aspecto, creio que só houve uma autêntica renovação dois ou três anos após a Revolução de Abril de 1974 em Portugal, e creio que se pode afirmar que o Séc. XX literário português começou nesse preciso momento. O mais importante (e que gostaria de assinalar) consistiu numa verdadeira reconciliação entre o público e os escritores. O que quero dizer com isto? É que anteriormente, devido à censura, fazia-se uma literatura que poderei dizer de “alusiva”. Depois de 1974 tudo mudou, pelo menos para os escritores por-

que tiveram o mérito e sobretudo a sorte (porque é também uma questão de sorte) de passarem a ser traduzidos e lidos no estrangeiro, quer nos países de expressão de língua portuguesa quer sobretudo por toda a Europa. E isso ajudou na divulgação da nossa literatura por este mundo fora, mostrando a nossa forte capacidade de escrevermos excelentes textos.

Posso dizer que se instaurou após essa data um novo estado de espírito nos escritores em Portugal. Não há um “movimento literário” do tipo dos movimen-

tos que juntaram alguns escritores antigamente – estou a recordar-me do *Orfeu Presença*, ou o Neo-Realismo por exemplo. Como dizia, não há um movimento literário (pelo menos que eu conheça) mas estamos profundamente diferentes e é essa diversidade que faz a riqueza da nossa literatura. E é por isso tudo que tenho a boa sensação de que se está a criar uma onda de solidariedade entre os escritores, uma espécie de sentimento da classe de ESCRITOR parecido ao que existe já no Brasil. Hoje, em Portugal, os escritores

ajudam-se mutuamente e com uma maior frequência. E isso era impensável há não muito tempo. É verdade, não estou a exagerar. É que hoje, todos nós queremos que leiam os nossos trabalhos e sentimos que ninguém tira o público a ninguém. Organizam-se conferências colectivas, sessões em comum com os leitores, tertúlias onde se declama poesia e se constata uma grande adesão do público. É um fenómeno que não é novo mas que se está uma vez mais a redescobrir em Portugal, que contribui, e bem, para desmistificar o escritor e, porque não dizê-lo, os próprios leitores. Começa-se, quanto a mim, a atingir de novo a qualidade exigida desde sempre na nossa literatura, nos nossos escritores e poetas, através de muita,



Bocage



mas muita arte e dedicação. E toda a Literatura passa a ser assim mais dinâmica nos dias de hoje, a ponto dos escritores surgirem como cogumelos neste país a beira-mar plantado, o que é de louvar, obviamente, mesmo passando pela triste travessia económica, social e cultural em que Portugal está mergulhado há alguns anos a esta parte.

Mais a mais passou-se a dar igual importância ao estado da literatura em cada um dos países mas com uma preocupação crescente sobre o que se passa noutros países. Será que a literatura brasileira é melhor que a de Portugal?

Ou a de Portugal é superior à do Brasil? Será que a literatura francesa é superior à nossa? Ou que a Literatura portuguesa nunca chegará aos calcanhares da literatura Rússia? São sempre perguntas que se colocam porque sempre se fizeram ao longos dos últimos séculos. O certo é que em Portugal, tal como no Brasil, há um problema sério porque não se publicam autores nacionais apesar da existência de muitos bons textos. Por exemplo, o escritor Richard Zimler (apesar de não ser português mas vive cá há imensos anos), o seu livro *O Último Cabalista de Lisboa* foi recusado por 24 editoras norte-americanas e hoje é lido em 12 países, porque uma editora portuguesa decidiu apostar nele. Se temos excelentes escritores para serem

descobertos porque é que as editoras preferem as traduções dos autores de renome ou os chamados clássicos? Porque obviamente dão dinheiro certo em caixa e em tempo recorde. Portanto, ninguém se arrisca a lançar um livro de autor jovem ou menos jovem mas que seja desconhecido. Apenas para se ter uma ideia, no Brasil mais de 70.000 manuscritos são recusados pelas editoras por ano. Será possível que em tantos trabalhos não exista uma boa centena

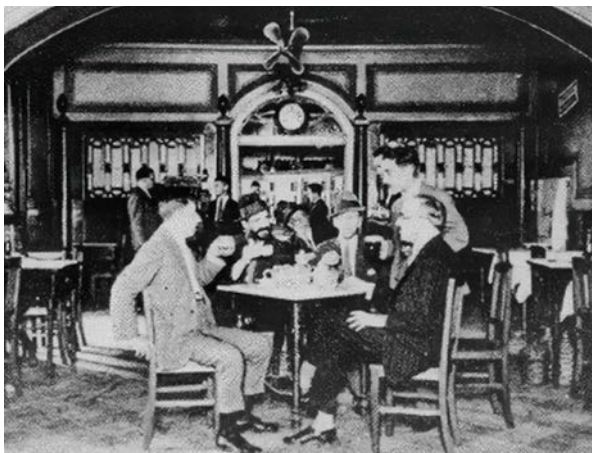


ou mesmo um mi-lhar de excelentes romances ou muito bons livros de poesia? Por mim, respondo que obviamente que CLARO QUE EXISTEM! Enquanto perdurarmos neste pensamento empresarial (e que me desculpem as Editoras, mesmo entendendo o seu lado accionista de não pretenderem perder dinheiro), o certo é que assim os novos escritores não conseguirão vingar nunca.

E é exactamente em páginas de Facebook, em conversas em rádios ou em Tertúlias que se vão efectuando um pouco por todo o país, ou através da divulgação de algumas editoras por pequenas antologias e concursos literários, que aos poucos os escritores e poetas deste país vão mostrando amiúde os seus trabalhos, as

suas aptidões e com uma ânsia de serem publicados como nunca vi até então. Isto só demonstra que esta nova geração (seja de jovens ou menos jovens, mas poderei referir-me pelo menos aos escritores das últimas duas décadas pelo menos) está interessada em demonstrar a este país caduco de ideias e valores culturais, de que não deixaremos morrer a nossa língua e a nossa literatura. Acredito que muito em breve, e isso tenho a certeza, as instituições de grande no-

me, os políticos e mecenas deste país reconhecerão existirem grandes autores em Portugal que deverão e serão vistos com outros olhos num futuro muito próximo. Temos excelentes escritores, basta que olhem para eles, nada mais! Haja quem aposte nos novos autores porque, tal como as crianças são o futuro deste país, são nos novos escritores, poetas e autores que está o horizonte da literatura e, sobretudo, da nossa língua e do nosso país, porque não dizê-lo.





QUERO SER TEU AMIGO

FERNANDO PESSOA

Quero ser o teu amigo. Nem demais e nem de menos.

Nem tão longe e nem tão perto.

Na medida mais precisa que eu puder.

Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida.

Na maneira mais discreta que eu souber.

Sem tirar-te a liberdade, sem jamais te sufocar.

Sem forçar tua vontade.

Sem falar, quando for hora de calar.

E sem calar, quando for hora de falar.

Nem ausente, nem presente por demais.

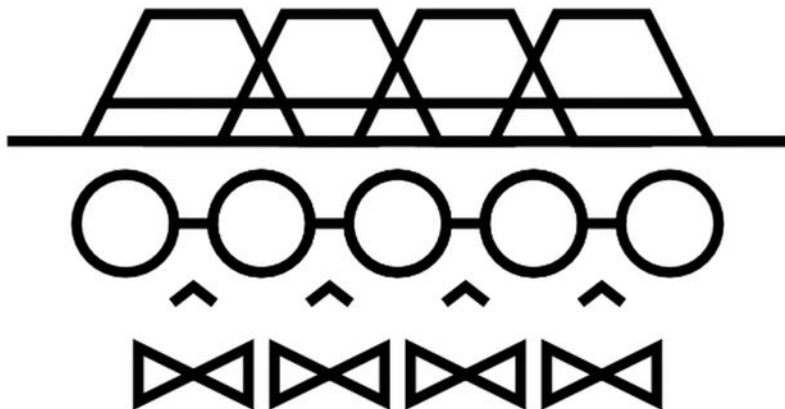
Simplesmente, calmamente, ser-te paz.

É bonito ser amor amigo, mas confesso é tão difícil aprender!

E por isso eu te suplico paciência.

Vou encher este teu rosto de lembranças.

Dá-me tempo, de acertar nossas distâncias...





RITA PEA

POEMA I

*Canta
a madrugada
entre os meus dedos
o eco silencioso
das amendoeiras em flor.*

POEMA II

*A poesia
tem seios fartos
macios
e*

*uma língua
inquieta
a percorrer
o meu corpo.*

POEMA III

*Deitada na margem do rio
a noite
molhou os meus lábios
e a poesia
bebeu-me nua
reclusa na sombra.*



Rita Pea nasceu no Outono de 1986 em Lisboa. Escritora, Poeta, Dramaturga e Libretista. Publicou *Fragments de uma Alma* (2009) e *Nu Averso das Palavras* (2016), *O Espelho da Medusa* (2018) e *O Mar de Electra*, 2021. Escreveu as peças teatrais *Abigail* (2014) e *Par 735* (2017), em parceria com Mónica Banza. Estreou-se como Libretista ao escrever *Lençóis de Vénus* (2019) em parceria com o Maestro Gonçalo Lourenço. Em 2020 escreveu o seu primeiro romance. É membro da Academia de Letras e Artes de Fortaleza, Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul, *Núcleo de Letras y Artes de Buenos Aires* e *Núcleo Académico de Letras e Artes de Portugal*.

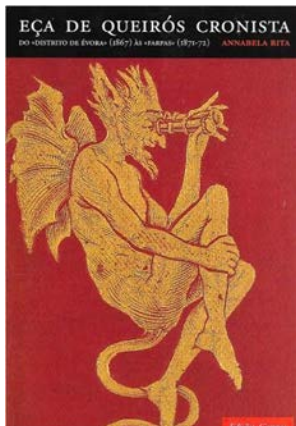


O QUE VERDADEIRAMENTE MATA PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

O que verdadeiramente nos mata, o que torna esta conjuntura inquietadora, cheia de angústia, estrelada de luzes negras, quase lutuosa, é a desconfiança. O povo, simples e bom, não confia nos homens que hoje tão espectacularmente estão meneando a púrpura de ministros; os ministros não confiam no parlamento, apesar de o trazerem amaciado, acalentado com todas as doces cantigas de empregos, rendosas conezias, pingues sinecuras; os eleitores não confiam nos seus mandatários, porque lhes bradam em vão:

«Sede honrados», e veem-nos apesar disso adormecidos no seio ministerial; os homens da oposição não confiam uns nos outros e vão para o ataque, deitando uns aos outros, combatentes amigos, um turvo olhar de ameaça. Esta desconfiança per-



pétua leva à confusão e à indiferença. O estado de expectativa e de demora cansa os espíritos. Não se pressentem soluções nem resultados definitivos: grandes torneios de palavras, discussões aparatosas e sonoras; o país, vendo os mesmos ho-

mens pisarem o solo político, os mesmos ameaços de fisco, a mesma gradativa decadência. A política, sem actos, sem factos, sem resultados, é estéril e adormece-dora. Quando numa crise se protraem as discussões, as análises reflectidas, as lentas cogitações, o povo não tem garantias de melhoramento nem o país esperanças de salvação. Nós não somos impacientes. Sabemos que o nosso estado financeiro não se resolve em bem da pátria no espaço de quarenta horas. Sabemos que um deficit ar-reigado, inoculado, que é um vício nacional, que foi criado em muitos anos, só em muitos anos será destruído. O que nos magoa é ver que só há energia e actividade para aqueles actos que nos vão empobrecer e aniquilar; que só há repouso, moleza, sono

beatífico, para aquelas medidas fecundas que podiam vir adoçar a aspereza do caminho. Trata-se de votar impostos? Todo o mundo se agita, os governos preparam relatórios longos, eruditos e de aprimorada forma; os seus áulicos afiam a lâmina reluzente da sua argumentação para cortar os obstáculos eriçados: as maiorias dispõem-se em concílios para jurar a uniformidade servil do voto. Trata-se dum projecto de reforma económica, dum despesa a eliminar, dum bom melhoramento a consolidar? Começam as discussões, crescendo em sonoridade e em lentidão, começam as argumentações arastadas, frouxas, que se estendem por meses, que se prendem a todo o incidente e a toda a sorte de explicação frívola, e duram assim uma eternidade ministerial, imensas e diáfanas. O país, que tem visto mil vezes a repetição desta dolorosa comédia, está cansado: o poder anda num certo grupo de homens privilegiados, que investiram aquele sacerdócio e que a ninguém mais cedem as insígnias e o segredo dos oráculos. Repetimos as palavras que há pouco Ricasoli dizia no parlamento italiano: «A pátria está fatigada de discussões estéreis, da fraqueza dos governos, da perpétua mudança de pessoas e de programas novos.»



José Maria de Eça de Queiroz – nascido em em Póvoa de Varzim, 25 de novembro de 1845 e morto 16 de agosto de 1900, mais conhecido como Eça de Queirós, foi um escritor e diplomata português. É considerado um dos mais importantes escritores portugueses de

sempre. Foi autor de romances de reconhecida importância, como *Os Maias* e *O Crime do Padre Amaro*. *Os Maias* é considerado por muitos o melhor romance realista português do século XIX. Eça de Queiroz e Machado de Assis são considerados os dois maiores escritores em língua portuguesa do século XIX. Eça notabilizou-se pela originalidade e riqueza do seu estilo e linguagem, o realismo descritivo; e pela crítica social constantes nos seus romances. O texto acima continua atual nos nossos dias.



A ILHA DA MINHA INFÂNCIA

ROSÁRIO PEREIRA

*Lembro-me daquela janela de madeira,
Com vidros gastos pela história do tempo,
Já pouco deixavam ver para fora,
Pintura roçada da podridão seca vinda do
relento.*

*Foi por ela que olhei pela primeira vez o mundo
Foi no parapeito dela,
Que contemplei muitas madrugadas,
Que naveguei por alguns contos sem
naufragar na dor.*

*Nunca ninguém poderá adivinhar
A ilha da minha infância
Que abraçava as águas revoltadas
Deixando que se estendessem em suas areias
Para olhar as estrelas que bailavam no céu.*

*Nesse tempo,
Eu era um poema com letras ordenadas
Num universo de rimas silenciosas
Depositadas numa esperança sem estremecer.*

*Nesse tempo,
Viajava sem grandes paragens
E essa janela podre e fria
Era o apeadeiro do meu mundo
Onde eu sonhava acordada.*

Rosário Pereira nasceu em Valença, Portugal. É uma apaixonada pelas coisas simples da vida e pelas artes. Em Junho de 2015, publicou o seu primeiro livro de poesia intitulado “Sentimentos”. Em 2017, foi convidada a participar com um poema no mural “Muro dos Poetas” do Festival Internacional Kerouac, em Vigo. Este mural foi construído em azulejos e colocado numa parede da Rua Londres dessa mesma cidade espanhola. Em Junho de 2020, publicou o seu segundo livro de poesia intitulado “Poeta Bandida” e em Dezembro de 2022 publicou “Devaneios”, também de poesia. Conta ainda com participação em 41 coletâneas com outros autores.



ANTOLOGIA POÉTICA AÇORIANO- CATARINENSE

**LUIZ CARLOS
AMORIM - LISBOA**

Em uma visita ao saudoso professor Lauro Junkes, um dos pesquisadores e crítico literário mais atuante em Santa Catarina, com um trabalho constante e sério, sempre divulgando as letras do Estado, seja a obra de novos escritores ou de autores consagrados, ganhei um grande presente. Foi engraçado, pois fui cobrar um presente que ele me prometera e ele me deu mais outros. O presente que não havia sido prometido é o livro “Caminhos do Mar” - Antologia Poética Açoriano-Catarinense. Corria o ano de 2005. Reputo de grande importância essa integração de poetas catarinenses com os

poetas de além-mar, porque afinal de contas, foram eles que trouxeram para cá a nossa língua, a língua portuguesa. A única língua, aliás, que tem a palavra saudade. Mas não me surpreende que tenha sido o professor Lauro a estar a frente do grupo que organizou a antologia luso-catarinense. Incansável, além das inúmeras resenhas sobre a obra de quase todos os escritores de Santa Catarina – e de outras plagas, também – ele tem algumas dezenas de livros publicados sobre literatura, foi o presidente da Academia

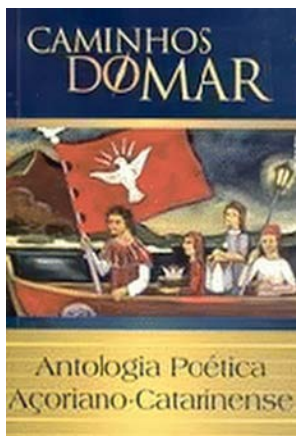
Catarinense de Letras, numa gestão das mais atuantes e tem resgatado a obra de grandes nomes da literatura de nosso estado, republicando suas obras. Ele organizou e publicou, por exemplo, a obra de Luiz Delfino, o grande lírico da poesia brasileira, o segundo maior poeta catarinense, ficando apenas atrás de Cruz e Sousa. São mais de 1.300 (mil e trezentas) páginas, divididas em dois volumes: “Poesia Completa – Sonetos” e “Poesia Completa – Poemas Longos”. O professor Lauro publicou, também os Contos Completos de Virgílio



Prof. Lauro Junkes

Várzea, em dois volumes, a Poesia Reunida de Maura Senna Pereira, o Teatro escolhido de Horácio Nunes Pires. E mais resgates de obras importantes estavam sendo feitos e seriam publicados, não fosse a morte do escritor e pesquisador recentemente. Ele já havia escrito sobre “Açores – Travessias”, que mostra a influência da cultura açoriana sobre escritores catarinenses, como Almiro Cadeira, Flávio José Cardoso, Virgílio Várzea, Othon D’Eça e Franklin Cascaes. O livro analisa as obras dos cinco escritores, destacando a sua ligação com a cultura açoriana. “Açores – Travessias” foi lançado, em meados de 2005, no evento Travessias - Encontro de Escritores Atlânticos - Açores-Brasil, que tinha o objetivo

de estabelecer, pela primeira vez, um diálogo entre autores dos dois lados do Oceano, açorianos e catarinenses. Então, por tudo o que já fez pela literatura até aqui, não me surpreende que Lauro Junkes tenha se juntado a ou-



tros escritores, catarinenses e portugueses, para organizar a antologia poética açoriano-catarinense. Na antologia encontramos, na primeira parte, poetas do Arquipélago dos Açores:

Antero de Quental, Roberto de Mesquita, Armando Côrtes Rodrigues, Vitorino Nemésio, Pedro da Silveira, Eduíno de Jesus, Madalena Ferin, Emanuel Félix, José Martins Garcia, Álamo Oliveira, J. J. Santos Barros, Vasco Pereira da Costa e outros. Na segunda parte, temos os Poetas da Ilha de Santa Catarina: Marcelino A. Dutra, João Silveira de Souza, Luiz Delfino, Lacerda Coutinho, Delminda Silveira, Cruz e Sousa, Araújo Figueiredo, João Batista Crespo, Othon D’Eça, Maura Senna Pereira, Aníbal Nunes Pires, Júlio de Queiroz, saudoso membro do Grupo Literário A ILHA e outros. Um documento que perpetua a sensibilidade, emoção, lirismo, estilo e criatividade de poetas catarinenses e portugueses.

Luiz Carlos Amorim é escritor, professor, jornalista, editor e revisor. Cadeira 19 da Academia Sulbrasileira de Letras. Reside atualmente em Lisboa e é fundador e presidente do Grupo Literário A ILHA. Editor das Edições A ILHA, que publicam as revistas SUPLEMENTO LITERÁRIO A ILHA e ESCRITORES DO BRASIL e que já publicou mais de uma centena de livros solo e antologias. Tem trinta e cinco livros publicados, nos gêneros conto, poesia, crônica, infanto-juvenil, história da literatura e crônica de viagem.



É MAIS LINDO VIVERMOS COM A PAZ

CARLOS CARDOSO LUÍS

*Eu canto para a virgem mãe no altar,
um canto alegre, forte e bem profundo,
para pôr as crianças a brincar
e acabar com as guerras neste Mundo.*

*É mais lindo vivermos com a paz,
mas sem guerras, sem ódio, sem maldade.
Pois querendo o Homem pode ser capaz,
de amar para viver em liberdade.*

*Com liberdade falo, vejo e penso,
sinto no ar o perfume leve a incenso,
que traz a força e ajuda a lutar.*

*Um canto alegre forte e bem profundo,
que irá salvar um homem moribundo.
É meu canto á virgem Mãe no altar.*



Carlos Cardoso Luís nasceu em Lisboa no dia 28 de Março de 1946. Começou a escrever poesia com 13 anos. Publicou um livro de poesia a que deu o título de “GOTA D’ÁGUA”. Tem vários prémios e menções honrosas em poesia e prosa. Participou em várias Antologias. Fez alguns prefácios, pós-fácios e capas de livros de Amigos. Escreveu onze letras de fado gravadas no CD “Marinheiro do Fado”. De 2015 e 2018 foi Presidente da Associação Portuguesa de Poetas. Foi Vice-Presidente da Associação Cultural o Patriarca do Fado Alfredo Marceneiro.



LENDO ESCRITORES PORTUGUESES NO BRASIL

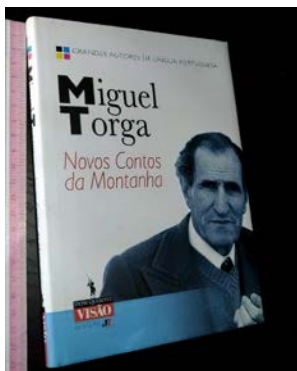
**LUIZ CARLOS AMORIM -
ESCRITOR - [HTTP://WWW.
PROSAPOESIAECIA.
XPG.COM.BR](http://www.prosapoesiaecia.xpg.com.br)**

Até pouco tempo atrás, eu só havia lido os autores portugueses mais populares, mais conhecidos de nós, brasileiros: Fernando Pessoa, Saramago e Camões. Pois estive algumas vezes em Portugal e lá encontrei livros de outros autores da terrinha maravilhosa, na casa da minha filha Daniela e de Pierre Aderne, o cantor-compositor-escritor-produtor-apresentador.

Encantei-me com Miguel Torga, ao ler pequenos trechos de um grande livro antigo dele ou sobre ele, na Quinta do Crasto, no Douro, em um jan-

tar que nos fora oferecido lá.

Depois disso, ganhei alguns livros, outros comprei e comecei a ler escritores portugueses contemporâneos, como José Luís Peixoto, Gonçalo M. Tavares e Walter Hugo Mãe, angolano que vive em Portugal desde tenra idade, Nicolau Santos, Dulce Rodrigues e outros tan-



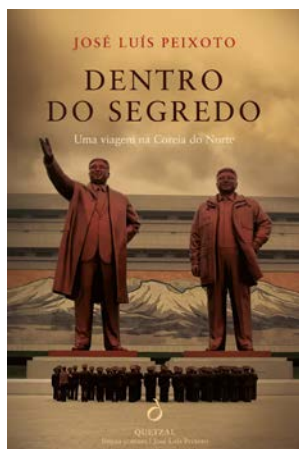
tos. E que mergulho agradável nas letras portuguesas atuais, embora os autores conhecidos ainda sejam poucos e eu tenha lido apenas um livro de alguns deles, por enquanto.

Os livros, como já disse, foram compra-

dos em Lisboa, foram publicados lá, consequentemente estão na língua portuguesa praticada em Portugal. Sabemos que a unificação do português, falado em vários países, não será uma realidade nem a curto nem a longo prazo, por mais que queiram alguns, mas as palavras desconhecidas que encontrei nos livros que li não dificultaram a compreensão ou a recriação das belas obras. Acho, até, muito interessante.

De José Luís Peixoto, li “Dentro do Segredo”, uma viagem na Coreia do Norte. Num tom quase coloquial, o autor nos dá a oportunidade de conhecer um país tão fechado para o resto do mundo como aquele. Em seguida, com certeza, vou ler a prosa de ficção e a poesia do escritor.

“Novos Contos da Montanha” é o livro que li de Miguel Torga. Trata-se de um



painel das almas da serra portuguesa, como o próprio autor diz. Que magnífico contador de histórias! Quanta singeleza, quanto lirismo, quanto conteúdo, quanta criatividade, nos contos desse grande escritor. Ele me lembrou um pouco o

nosso querido Júlio de Queiroz, pois muitos de seus contos chegam ao desfecho com revelações impressionantes, surpreendendo sempre, nunca sendo óbvio. De todos que li, Gonçalo foi o mais singular, um pouco difícil de digerir, mas sempre interessante. Preciso ler mais da obra dele.

E Walter Hugo Mãe, o angolano-português, também me impressionou, não só pelo domínio sereno e tranquilo da língua-mãe, mas pelo fôlego e pela excelência de sua criação, pela sensi-

bilidade e profunda percepção do ser humano. Li “A Máquina de fazer Espanhóis”, o quarto e último volume da sua tetralogia que mostra o tempo da uma vida humana, desde a infância até a velhice. É claro que vou ler os primeiros três romances, até já os comprei.

Então se a literatura brasileira é boa, tem grandes autores, não é por acaso. É porque a literatura portuguesa é riquíssima em conteúdo, em estilo, em qualidade. Então os grandes escritores brasileiros têm a quem puxar.

REVISÃO DE TEXTOS E EDIÇÃO DE LIVROS

Da revisão até a entrega dos arquivos prontos para imprimir.

Contato:
revisaolca@gmail.com





VOU BUSCAR-TE AO FIM DA TARDE

VALTER HUGO MÃE

*vou buscar-te ao fim da tarde,
porque a noite só escurece contigo ao
meu lado, porque a noite aprende por ti
o caminho aberto das estrelas*

*vou buscar-te ao fim da tarde,
e verás como preparei a casa, como
escolhi a música, como, enfim, espalhei
os objectos mais impressionados contigo,
os que ganharam vida por se interporem
na espessura estreita que vai do meu
ao teu coração*

*e não mais devolvo, correndo todos os
riscos de não amanhecer nunca
numa loucura propositada por ti*

*não mais te devolvo,
ocuparás o mundo debaixo e sobre mim,
e não haverá mais mundo sem que seja
assim*



Valter Hugo Mãe é um escritor português que nasceu numa cidade angolana outrora chamada *Henrique de Carvalho*, actual Saurimo. Passou a infância em Paços de Ferreira e em 1980 mudou-se para Vila do Conde. Licenciou-se em Direito e fez uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Em 1999 foi co-fundador da Quasi edições na qual publicou obras de Mário Soares, Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto, Manoel de Barros, António Ramos Rosa, Artur do Cruzeiro Seixas, Ferreira Gullar, Adolfo Luxúria Canibal e muitos outros.



EDUCAÇÃO, LIVROS E LEITURA

**UM LIVRO É UMA
VIAGEM A UM MUNDO
DE IMAGINAÇÃO E
DE CRIATIVIDADE, E
AQUELES QUE NÃO
LEEM PERMANECERÃO
PARA SEMPRE NO
MESMO LUGAR.**

DULCE RODRIGUES

Sem pretender ser exaustiva ou ser detentora de uma qualquer verdade absoluta, gostaria de partilhar algumas reflexões sobre a Educação, sobretudo em Portugal, reflexões essas fruto de uma longa experiência de vida, tanto no estrangeiro como dentro deste rectângulo de terra à beira-mar plantado a que chamo “o meu país”. Antes de entrar propriamente no assunto, impõe-se a definição do que entendo como “Educação” e que, na minha modesta opinião, é o processo de

aquisição, por parte de cada indivíduo, de conhecimentos no campo intelectual, moral, físico e de inserção na sociedade. Diria ainda que a Educação anda de mão dada com a Cultura, pois esta última é a arte de estar na vida e pressupõe o desenvolvimento prático dos conhecimentos adquiridos através da primeira. Se aprofundarmos a nossa reflexão, possivelmente veremos que cada povo tem a educação que merece. No



caso que nos interessa, Portugal, estamos sempre à espera que seja o Governo (qualquer que ele seja) a fazer tudo por nós. Ora a Educação é algo que também está ao nosso alcance individual. A culpa da Educação que temos é dos responsáveis governamentais, sim, mas também

dos pais da crianças – que não estão para investir um pouco do seu “precioso” tempo a educar os filhos; a culpa é também de alguns professores, pois muitos limitam-se a “estar na aula” e a ir buscar o salário ao fim do mês; a culpa é ainda dos meios de comunicação social, com particular ênfase para a televisão e os seus programas medíocres a todos os níveis; a culpa é, afinal, da grande maioria da sociedade pelos maus exemplos que dão. Curiosamente, são sempre os que mais falam e protestam, que menos fazem. Em Portugal, não faltam painéis de discussão sobre reformas do ensino, competências dos professores, projectos e programas educativos... Mas, tudo isto não passa de palavras atiradas ao vento ou escritas em folhas de papel. Onde estão as verdadeiras acções? Não me refiro a uns cursinhos intensivos de três meses – as “Novas Opor-

tunidades” – onde os estudantes, pomposamente chamados de formandos obtêm o certificado de equivalência ao 9.º ou 12.º anos. Com estes cursinhos de brincar - “As Novas Oportunidades” – gastaram-se e, possivelmente continuam a gastar-se, rios de dinheiro para passar certificados de ignorância. A Educação – e a Cultura – em Portugal necessitam efectivamente de uma reforma. O sistema de ensino tem de ser reinventado nos seus três vectores: a sociedade, os pais e a escola. Enquanto não educarmos os adultos (os pais), dificilmente conseguiremos mudar a mentalidade tacanha e medíocre da sociedade em geral, logicamente dos seus (des)governantes, dos professores e, obvia-

mente, das crianças, futuros adultos de amanhã. Recordo-me com frequência de um artigo de um psicólogo inglês, de cujo nome me esqueci, que se questionava por que razão a maioria das crianças são inteligentes, criativas, curiosas, aventureiras... e a maior parte dos adultos são estúpidos, rotineiros e



conformistas? Deixo a pergunta em aberto, para que cada um possa meditar sobre a resposta. Todavia, permito-me partilhar o que seria a minha resposta

àquela pergunta: Esses mesmos adultos são aqueles que foram “castrados” intelectualmente em crianças por adultos também eles vítimas de castração intelectual. É um círculo vicioso familiar do qual tem de se sair em determinado momento, e o melhor momento é precisamente o período da primeira infância, para podermos “sair” ainda antes de termos “entrado”. Compete, portanto, aos pais tomarem a responsabilidade de dar aos filhos uma melhor Educação do que aquela que tiveram. Ao procederem assim, esses pais, outra vez eles próprios vítimas inocentes, terão também a possibilidade de dar um passo em frente para encontrarem alguma realização na sua própria existência.

Dulce Rodrigues é uma escritora portuguesa que vive um pouco por toda a Europa. Gosta de jardinagem, fotografia, arte, música, animais e livros – especialmente os que escreve para crianças e jovens... de todas as idades. Ela é uma autora de obra infanto-juvenil extensa e de imenso sucesso em vários países. É uma apaixonada por História e por viagens. Dulce Rodrigues foi distinguida com duas bolsas de estudos e nove prémios literários, entre eles o Hollywood Book Festival nos Estados Unidos e o London Book Festival no Reino Unido. Algumas das suas peças foram representadas no estrangeiro.



FANATISMO

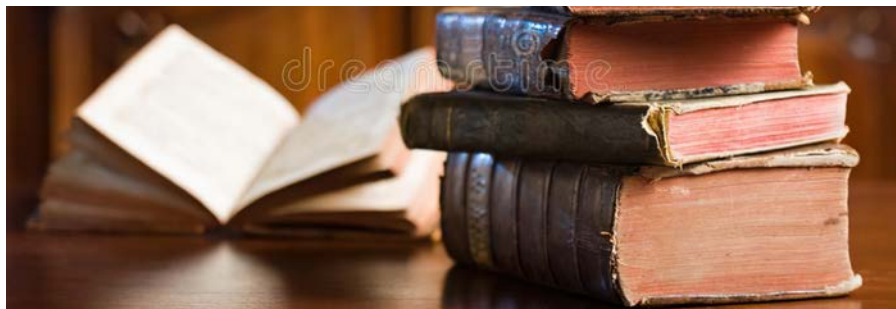
FLORBELA ESPANCA

*Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer a razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!*

*Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!"*

*Tudo no mundo é frágil, tudo passa..."
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!*

*E, olhos postos em ti, digo de rastros:
"Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!..."*



Florbela Espanca, nome literário de Florbela da Alma da Conceição, nasceu em Vila Viçosa, no Alentejo, Portugal, no dia 8 de dezembro de 1894. Foi uma grande poetisa portuguesa. A sua vida, de apenas 36 anos, foi plena, embora tumultuosa, inquieta e cheia de sofrimentos íntimos, que a autora soube transformar em poesia da mais alta qualidade, carregada de erotização, feminilidade e panteísmo.



RODEADO POR LIVROS

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Gosto de me sentir rodeado por livros. A presença de livros, de muitos livros, tem um poder calmante, como flutuar num oceano pacífico, olhando o céu, numa tarde de sol. Escrevo melhor em casa, na minha biblioteca. Ontem, interrompi o romance em que estou a trabalhar para procurar uma coletânea de haikus, na secção de poesia. Não encontrei o livro que procurava, de forma que come-

cei a desmontar tudo. Reparei, sem grande surpresa, dado tal fenómeno ser recorrente sempre que começo a remexer nas estantes, que, nas filas de trás, iam surgindo títulos desconhecidos. Não me lembro de ter comprado aqueles livros. Não sei como se introduziram na minha casa. Acredito, desde há muito tempo, que livros esquecidos nos confins de estantes remotas tendem a chamar ou a engendrar novos livros. Trata-se de um prodígio ignorado pela ciência. Isso não o invalida. A ciência reconhece hoje prodígios muitíssimo mais assombrosos, infinitamente menos credíveis, como o cha-

mado entrelaçamento quântico. Segundo a mecânica dois ou mais objetos situados a milhões de anos-luz de distância podem estar ligados uns aos outros de tal forma que, atuando sobre o primeiro, os restantes respondem a tal ação no mesmo instante. Quem acredita em teses como esta não tem por que não acreditar que livros esquecidos evoquem para o seu convívio outros livros esquecidos, ou — possibilidade que exige um esforço de credulidade apenas um pouco maior — que dois ou mais livros juntos interajam uns com os outros, numa espécie de festiva suruba literária, de forma a gerar títulos inteiramente originais. Pode ser que os dois prodígios ocorram simultaneamente: uns livros chegam através de misteriosas cerimónias de evocação; os outros são engendrados, ali mesmo, nas estantes, a partir de terceiros. Em determinada altura da minha





busca caiu-me aos pés um volume magro, *Silogismos da Amargura*, de Emil Cioran. Ficou caído de borco, aberto, indefeso, em meio à desordem geral. Debrucei-me para o apanhar, segurando-o pela primeira vez entre as minhas mãos espan-tadas, e li: «Passados os 30 anos deveríamos dar tanta importância aos acontecimentos quanto um astrónomo aos mexericos.» Coloquei o livro de E.M. Cioran na pilha dos «livros evocados», juntamente com um volumoso ensaio, em francês, sobre poesia chinesa, e a biografia, em inglês, de Ryszard Kapuscinski, de Artur Domoslawski (que, entretanto,

comecei a ler). Todos aqueles livros foram realmente publicados. Os seus autores são conhecidos. As editoras que os publicaram têm existência mais ou menos comprovada. Antes de surgirem na minha biblioteca residiam certamente em alguma outra. A biografia de Kapuscinski aliás, traz na terceira página uma nota, a lápis, do presumível proprietário original. Mais curiosos são os livros tão improváveis que só podem ter nascido do concúbito ansioso de vários títulos desconhecidos. Descobri, por exemplo, um tratado romeno de pogonologia (o estudo da barba), e um título de poesia redigido num perverso dialecto do português. O livro de poemas trazia a indicação de ter sido impresso em 2017. Pode ser um erro de ortografia. Pode ser que o livro inteiro não seja outra coisa senão uma penosa coleção de erros de ortografia. Ou não — talvez tenha

mesmo sido escrito num tempo futuro, num dialeto futuro.

Fiquei particularmente maravilhado com um volume, em caracteres árabes, que me pareceu uma reprodução moderna de um ensaio muito antigo sobre a extinção dos unicórnios. Guardei-o entre um exemplar autografado da primeira edição moçambicana de *Vozes Anoitecidas*, do Mia Couto, e uma volumosa biografia do grande viajante inglês Richard Francis Burton (por este exemplo podem avaliar a desordem em que se encontra a minha biblioteca). Quando voltei a procurá-lo já não estava lá.





José Pacheco Vieira

Suponho que terá sido convocado para outra biblioteca.

Visitei recentemente aquela que deve ser a maior biblioteca privada de Portugal. Pertence a José Pacheco Pereira, conhecido comentador político.

Pacheco Pereira começou por adquirir um casarão enorme numa localidade perto de Lisboa, mas depressa compreendeu que não iria conseguir colocar lá todos os seus livros — mais de 100 mil. Então foi comprando as pro-

priedades em redor — uma escola, um lagar, um quartel da Polícia —, e agora a biblioteca estende-se por todos aqueles espaços. Emergimos de um corredor sombrio e estamos num pátio e logo a seguir nos antigos calabouços da Polícia, sempre entre livros. A biblioteca ameaça devorar a povoação inteira. Imagino o furor noturno nas estantes dobradas ao peso dos livros. Os desvairados títulos que ali se engendram. O fantasma de Borges vagando feliz pelos corredores.

José Eduardo Agualusa nasceu na cidade do Huambo, em Angola, a 13 de dezembro de 1960. Estudou Agronomia e Silvicultura. Viveu em Lisboa, Luanda, Rio de Janeiro e Berlim. É romancista, contista, cronista e autor de literatura infantil. Os seus romances têm sido distinguidos com os mais prestigiados prémios nacionais e estrangeiros, como, por exemplo, o Grande Prémio de Literatura RTP (atribuído a *Nação Crioula*, 1998); também os seus contos e livros infantis foram merecedores de prémios, como o Grande Prémio de Conto da APE e o Grande Prémio de Literatura para Crianças da Fundação Calouste Gulbenkian, respetivamente. *O Vendedor de Passados* ganhou o *Independent Foreign Fiction Prize*, em 2004, e, mais recentemente, o romance *Teoria Geral do Esquecimento* foi finalista do *Man Booker Internacional*, em 2016, e vencedor do *International Dublin Literary Award* (antigo *IMPAC Dublin Award*), em 2017.



**JORGE
VICENTE**

Jorge Vicente nasceu em Lisboa. Com Mestrado em Ciências Documentais, tem poemas publicados em várias antologias e revistas. Faz parte da comissão editorial da revista virtual Incomunidade. Publicou 5 livros, o último "Cavalo que passa devagar" Contato: jorgevicente.seacarrier@gmail.com

1.

*o meu amor chegou
com as folhas*

*chegou a esse grande lugar
a essa grande palavra
a essa talvez tão grande,
tão transparente
e sem brilho,*

*chegou com toda a luz
da maré solar, mas sempre [e
sempre]
com o abismo
de toda a minha alegria.*

2.

*falha flor
falha temerosa cidade
falha rosa de Hiroxima ou de
Harlem
falha rosa de fogo anunciando
amianto ou xisto ou gás de
esperança*

*falha genocida voz como as
águias
falha entre continentes e
oceanos
entre grito amazónida e de voz
pintada
de voz talvez tão falha como a
sucuri que espreita
no recôncavo das folhas.*

3.

*talvez ainda me demore no
caminho estreito
no caminho sanguíneo e
apertado
mas as moradas são como um
corpo habitado por gaivotas:*

*mergulham sempre nas falésias
brancas da praia.*





LEVANTO ÂNCORA

GEORGINA CAÇADOR

*Levanto âncora
E navego ao fim de universo.
Aceito a sede de viagem
Vou no caminho das
constelações,
Gravo na pedra os meus versos.
Que escrevi com coragem
Da vida e das emoções.*

*Levanto âncora e faço-me ao
mar.
Às correntezas e infinitas vagas.
Mergulho nas profundezas
escuras
Que sempre me levaram,
Às estúpidas amarguras
E rendo-me às palavras.*

*As que sempre me seduziram.
Que sempre me deram
caminhos
Para eu percorrer.
Sempre me encheram a alma
Ou me deixaram o vazio,
Pois também sempre fugiram,
Me deixaram abandonada
Parada a morrer.*

*Levanto âncora
Vou viajar.
No meu espaço de querer,
Quero-me leve a navegar,
No meu caminho.
Do meu viver ao morrer,
Desde o espaço às profundezas
do mar.*



Georgina Caçador nasceu em Coruche, Ribatejo, Portugal. Escreve desde os 12 anos. As publicações iniciou-as depois dos cinquenta anos. Nesses percurso tem poemas publicados em Portugal, Brasil e Moçambique através de Antologias e coletâneas. “Viveiro De Palavras”, poesia, foi o seu primeiro livro. Seguiu-se “Portugal A Dois Tempos”, crônicas. Em 2021 lança um livro de ficção narrando uma historia acerca da maneira de viver das pessoas que vivem na charneca do Ribatejo e vivem dos trabalhos duros e rudes que nela existem. “Até a Cortiça Que Cresce Tão Lenta Se Dá Ao Machado Com Bravura”. Trocou Lisboa pela charneca e não está arrependida.



AMOR É FOGO QUE ARDE SEM SE VER

LUÍS VAZ DE CAMÕES

*Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.*

*É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor.*





TUDO POR UM ABRAÇO

**ADÉLIO AMARO,
LEIRIA, PORTUGAL**

Hoje, quando saí de casa, deixei o carro na garagem, e fui a pé de cabeça baixa. Não apetecia trabalhar. Farto das confusões, das ilusões, das funções, dos mandões, e muitos outros "ões" que fazem da nossa vida verdadeiros trapalhões aos tramalhões. Depois, conforme fui caminhando e

pontapeando as pedras da rua, feito puto reguila que vai contrariado para a escola, levantei a cabeça, apenas porque o tempo ameaçava chover, num dia tão nublado e cinzento como o meu interior, confuso, cheio de nvens de nada e sem sonhos solarengos. E uma chuva ligeira invadiu o meu caminho, abriguei-me debaixo da copa de uma árvore, que ali estava, desde que sou gente, e só hoje olhei para ela e reconheci a sua importância. De repente, como alguém que sente a dor de estar só,

no meio de tanta gente, deu-me uma vontade enorme de abraçar aquela árvore. E se pensei assim o fim. Tirei a gravata e atei-a como corda que atraca um simples barco num porto de pesca, pois aquela árvore passou a ser para mim "alguém" em quem posso confiar, e deixei nela algo que me identificava perante os outros.

Continuei meu caminho, com o fato a ficar encharcado e o pouco cabelo que mora na caixa dos meus sonhos a ficar embaciado pela água que o invadia. Não demorou muito para ver o Zé Barbas, com o seu casaco rasgado e encardido, de calça rota e varrer o chão, chapéu engelhado com uma beata de cigarro na lapela, uma garrafa com rolha de cortiça já roxa no bolso do casaco e o



seu rafeiro (Piloto) preso por uma fita, a agitar o caixote do lixo, aliás como todos os dias eu via quando por ele passava de carro. Não resisti e ajudei-o a levantar a tampa do caixote e espreitei lá para dentro, com a cara de lado devido ao cheiro nauseabundo que dele brotava. Ele olhou para mim e disse:

– Que queres doutor?

Eu esgueirei o olhar na sua direcção e apenas encolhi os ombros.

E com receio de encetar conversa com ele, continuei o meu caminho e

em poucos segundos algo me fez voltar atrás. Cheguei junto do Zé Barbas e dei-lhe o meu casaco e ele, desconfiado, tirou o dele e pendurou-o na borda do caixote do lixo. Ele vestiu o meu e eu levei o dele, devolvendo-lhe a garrafa.

A chuva começou a apertar e vesti o casaco do Barbas. Na berma da estrada, todo encharcado fui levando com a água que saltava quando os carros por mim passavam.

Já no centro da cidade, senti a importância de um simples raio de sol que se esgueira-

va por entre as nuvens. Sabia bem o seu calor a secar a roupa que me encharcava o corpo... mas o que me partia a alma era a forma estranha como as pessoas me olhavam, com aquele casaco sujo e molhado e cabelo colado à cabeça.

Já com o sol a aquecer o dia, abandonei o casaco num caixote do lixo e fui trabalhar, embora muito incomodado por estar com a roupa amarrotada e suja...

No outro dia, voltei ao normal, fui trabalhar de carro, passei pela árvore que estranhamente tinha a minha gravata no chão, com lama seca, e pouco metros depois lá encontrei o Zé Barbas no caixote do lixo. Quando cheguei ao escritório tinha pendurado na porta o casaco que havia dado ao Barbas!



Interrogado com o que estava a acontecer, peguei no carro e fui ter com o Barbas. Quando o encontrei, saí do carro furioso e dirigi-me a ele dizendo:

– Que é isto pá?! Rejeitaste o casaco que te dei? Pobre e mal-agradecido.

E, enquanto lhe dizia tais palavras, reparava que ele ti-

nha o casaco sujo e roto que eu tinha levado e abandonado num outro caixote do lixo.

Ele, com uma calça incrível, com a beata apagada no canto da boca, que se perdia por entre as suas barbas enormes e despendeadas, respondeu-me:

– Oh doutor. O seu casaco era muito

pesado... eu prefero andar sujo e roto, nas bocas do lixo, que andar todo bonitinho com a alma amarrotada e suja... sabes porquê, doutor? Porque mesmo vivendo na miséria, eu ainda consigo abraçar aqui o Pílo-to. É o teu casaco prendia-me os braços, não me deixava abraçar...

ADÉLIO AMARO, nasceu em 1973, em Leiria. Entre vários cursos frequentou *Design da Comunicação* e *História de Arte do Século XX*. Atualmente é Presidente do Centro de Património da Estremadura (CEPAE) que engloba todo distrito de Leiria e o concelho de Ourém, tendo nos corpos sociais a presença de sete municípios e presidente da BiblioRuralis – Associação Cultural. É Consultor para a Cultura Popular do Município de Leiria, Diretor Artístico do Agromuseu Municipal Dona Julinha, Presidente da BiblioRuralis Associação Cultural, Diretor do jornal *Gazeta Lusófona* (Suíça) desde 2020 e Coordenador Editorial da editora *Portugal Mag* (Paris, França).

Crônica do Dia

<http://luizcarlosamorim.blogspot.com.br>

Crônicas e artigos de Luiz Carlos Amorim, publicados em jornais, revistas ou sites (ou não) e mais poemas e notas, tudo sobre cultura e arte (principalmente literatura) e sobre o cotidiano de todos nós.





PALHAÇO

FRANKELIM AMARAL, VAGOS, PORTUGAL

*Sou palhaço, de sapatos rotos.
Salto, corro e danço na rua.
Invento cambalhotas e dou
pulos,
Que vão da terra até à lua.*

*Faço magia com um coelho,
Espetáculos de mil balões.
Com este meu nariz vermelho,
Sou o rei das imperfeições.*

*Estou presente, estando
ausente,
Pés na terra, cabeça no espaço.
Canto, danço, vivo
simplesmente,
Sou assim, um simples
palhaço...*



Frankelim Gomes Amaral é coordenador e editor na Portugal Mag Editora, membro do Circulo dos Poetas Lusófonos de Paris, da Associação dos Autores Lusófonos de França, Associação Portuguesa dos Escritores, Academia de Letras e Artes de Paranapuã de Rio de Janeiro e Sociedade Portuguesa de Autores.

Tem sido homenageado por várias instituições, pelo seu empenho e trabalho em prol da cultura portuguesa, como o prémio «Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa», iniciativa da COTEC, prémio entregue pelo presidente da República.

Produtor e organizador de eventos culturais. Livros publicados: O Grito do Silêncio, Segredos, A Gaveta, Espalhando palavras no caminho da lusofonia, Adélio Amaro, a voz da cultura lusófona, Memórias Fotográficas, Amor



EXTINÇÃO

PEDRO ANTUNES, LEIRIA, PORTUGAL

*Se um dia eu me extinguir.
Quer seja alma, vácuo, ou vento...
Que parta eu sem qualquer lamento...
Sem qualquer angústia por não ser.*

*Que não fiquem de mim
Castelos nem tesouros...
Nem despojos de convés
E que me tenha dado todo*

*Que não haja em mim...
Nunca vontade de ser tudo...
Mas que mesmo a medo
Tenha sido vaga essência*

*Que possa ser essência
Mesmo que carta sem baralho
Mas que não haja nunca em mim
A angústia de não ter sido.*

*Que a ínfima parte do ser que fui
Tenha pela entrega sabido ser raiz
E que ainda que pó ao vento
Tenha achado forma de ser chão.*

Pedro Antunes fala de si mesmo: Quem sou eu... Às vezes queria ser apenas um escolho atirado aos ventos, outras a minha faceta de louco faz-me querer enveredar por caminhos que desconheço e espanto-me a mim próprio. Diria que sou alguém que aspira a ser simples. Se um dia me for espero ser lembrado como um amigo e permanecer vão e escasso nas linhas que vou vertendo no papel.



O MEU MAR

TRINDADE PEREIRA, LEIRIA, PORTUGAL

*Navegava em perfume
o meu doce mar
sorria a cada cardume
ouvia a sereia a cantar.*

*O mau tempo chegou,
velejava o medo
o mar se zangou
a sereia pegou feitiço*

*cada onda um rochedo
monstros em reboliço.*

*Veio a brisa anunciar:
- Voltou a calma.
Vi os rios abraçar
marés cantavam o hino,
os peixes aplaudiam
a chegada ao destino.*



Trindade Pereira nasceu em Carvide, Leiria. Foi Auxiliar de Educação durante 19 anos e licenciou-se em Educação de Infância em 2010. Pós-Graduação em Livro Infantil, 2016/2017.

Tem poemas publicados em Antologias e Coletâneas de Poetas Lusófonos. Autora dos livros infantojuvenis: “Capitão Brincalhão”, 2014, “Piratinha Brincalhão” 2018, e “O Reino de Bol, o Caracol”, 2022”, que integram letras musicadas, suporte de voz pelo coro juvenil do Orfeão de Leiria.



O SEU AMOR ME FASCINOU

ÍGOR LOPES, COVILHÃ, PORTUGAL

*Como se eu pudesse acreditar
Deixei me envolver no seu olhar
Coisas tão reais...
Por que fui me apaixonar?*

*Trato os devaneios com rigor
Todos os poemas são de amor
E são tão iguais...
Fazem parecer conceituais*

*Deixo acontecer a ilusão
Passo a passo sigo a sua mão*

*Me sinto singular...
Capaz de mudar e ser popular*

*Infelizmente acordei
Vivi o dia e não lhe encontrei
Onde você estava???
Será que lhe desapontava?*

*Agora já não posso mais querer
Acordar e experimentar você
Tudo terminou...
O seu amor me fascinou!*



Ígor Lopes é jornalista e escritor; Doutorando em Ciências da Comunicação (Universidade da Beira Interior); Mestre em Comunicação e Jornalismo (Universidade de Coimbra); Especialista em Gestão de Redes Sociais e Comunidades para Jornalistas (Universidade de Guadalajara) e em Comunicação Mediática (Universidade de Santiago de Compostela); Licenciado em Comunicação Social, na vertente Jornalismo (FACHA). Professor convidado da FACHA, coordenador de redação do Gazeta Lusófona, Suíça; jornalista da agência e-Global, Lisboa; correspondente do programa de TV “Assim é Portugal”, Brasil, e autor do podcast “Rumo ao Sul” na RDP Internacional. Autor de livros-reportagem e membro de Academias de Letras e Artes.



O QUE É SER POETA

MARIANA VAZ HELENO, LEIRIA, PORTUGAL

*O poeta é um ser sentimental
Fala com o coração, com os
olhos
O que a boca quer manifestar
Através de um simples olhar.
O poeta tem sensibilidade:
Na voz, no sentido,
Olha com atenção,
E vive em liberdade, escondido.
Ouvindo as batidas do seu
coração,
O poeta fala verdade
E tenta perceber com muita
autenticidade,*

*Sente aquilo que ousa dizer.
O poeta exprime através da
escrita
De forma desmedida:
Fala, escuta, não fica
indiferente,
Aos problemas dos outros,
Às circunstâncias da vida.
Ser poeta é ser
Um comum mortal,
É sentir necessidade de pôr em
alerta,
Tudo o que a vida lhe desperta
Num grito silencioso,
descomunal.*



MARIANA VAZ HELENO é natural de Mértola, Beja. Emigrante na Suíça durante oito anos, vive atualmente em Carvide, Leiria. A paixão pela poesia e a escrita sempre a acompanharam ao longo da vida.



NÃO ME ACORDES

CATARINA PEDROSA, LEIRIA, PORTUGAL

*Não me acordes
Quando saís de mansinho
Pela madrugada
E me deixas dormindo
Num sono profundo*

*Não me acordes
Deixa que fique ainda
Por mais umas horas
Perdida no mundo irreal
Do sonho e ilusão*

*Não me acordes
Depois do nosso momento
Perdidos no espaço e no tempo
Entre ânsias, desejo
Saudades e paixão*

*Não me acordes ainda
Deixa que o dia desponte
Que chegue a luz da manhã
Que cantem os pássaros
E me lembre de ti...*



Catarina Pedrosa nasceu em 1976 em Bajouca, Leiria. Participou em várias antologias e colectâneas. Tem a sua página no Facebook “rabiscoseestadosdealma” desde 2017, onde partilha alguns textos. Em 2021 lançou o seu primeiro livro de poesia “Dar voz à alma”, cujo objetivo é chamar a atenção para a saúde mental e tentar ajudar as pessoas com a sua obra.



LÍNGUA PORTUGUESA

OLAVO BILAC*

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela*

*Amo-te assim, desconhecida e obscura
Tuba de algo clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

(*) Este autor é brasileiro, mas entra nesta edição pela belíssima homenagem à nossa língua portuguesa.



LITERARTE

INAUGURAÇÃO DE BIBLIOTECA EM SC



Professor Celestino Sachet autografando.

Nova Veneza(SC) possui diversos casarões históricos e um deles, depois de anos servindo de moradia para duas importantes famílias do município, virou, no dia 20 de maio, Espaço Cultural Família Bratti Sachet e Biblioteca Municipal – Acervo Celestino Sachet. Inaugurado com a presença de autoridades e familiares, o espaço conta com 25 mil livros, com destaque para a literatura catarinense.

Aos 95 anos, o professor e escritor Celestino Sachet, uma

das autoridades em literatura catarinense, fez a doação para o município. Mas com uma condição, do poder público preservar a história do local e seus livros. “Esses livros fazem parte da minha vida inteira,

fui juntando ao longo dos anos. Mas destiná-los para este espaço é dar vida a eles, fazer com que mais pessoas possam ter acessos a estas obras”, afirma.

Toda a reforma da casa, que é da década de 1940, foi realizada pela própria família. Agora, o município vai administrar o espaço e preservar a história. Ainda, junto com a biblioteca, que pode ser visitada pela comunidade, também vai servir como a nova sede da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo.



Professor Celestino Sachet revendo seus livros na nova biblioteca